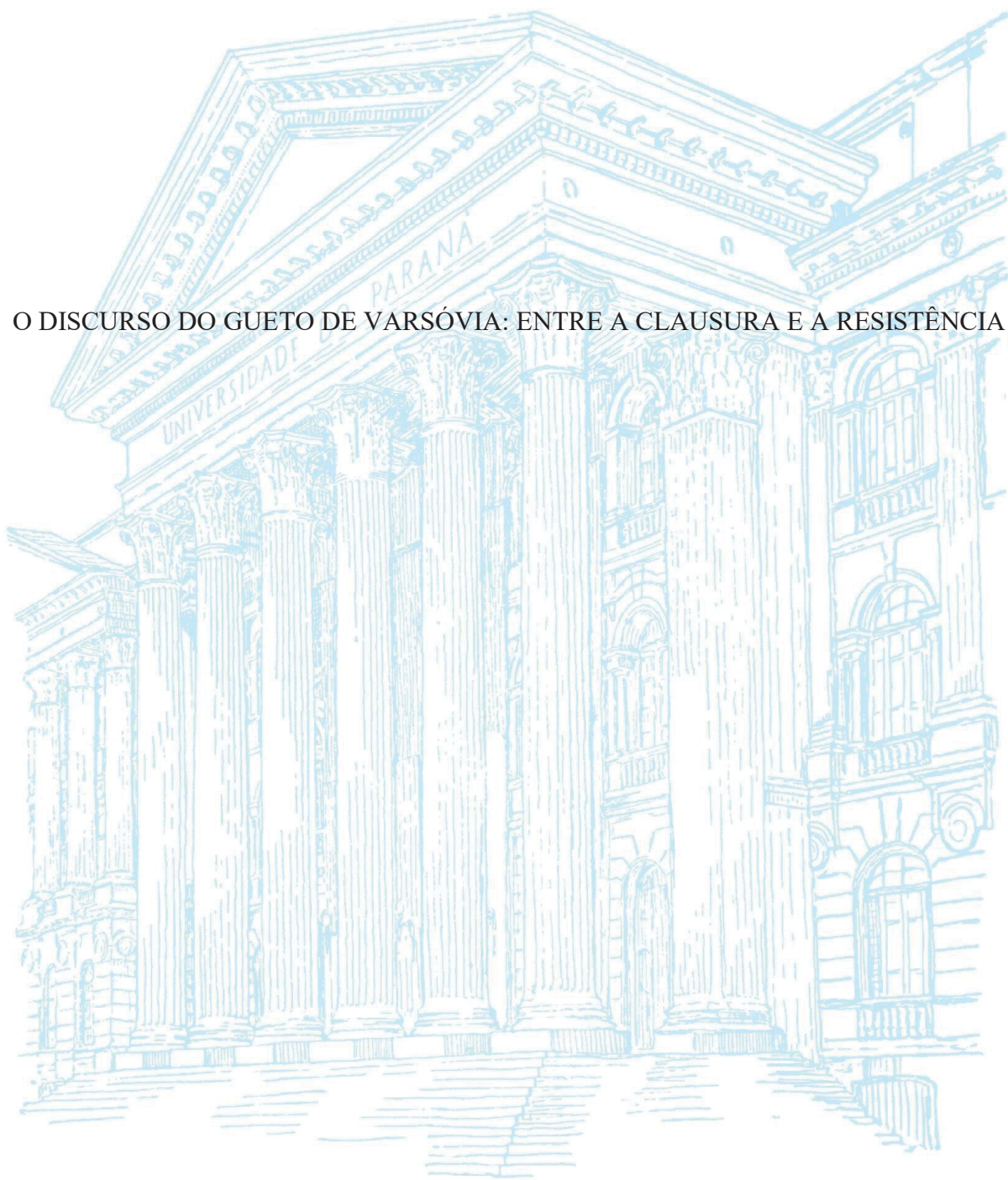


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

PAULO RICARDO DO PRADO

O DISCURSO DO GUETO DE VARSÓVIA: ENTRE A CLAUSURA E A RESISTÊNCIA



CURITIBA

2025

PAULO RICARDO DO PRADO

O DISCURSO DO GUETO DE VARSÓVIA: ENTRE A CLAUSURA E A RESISTÊNCIA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cleci Venturini

CURITIBA
2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Prado, Paulo Ricardo do

O discurso do Gueto de Varsóvia: entre a clausura e a resistência.
/ Paulo Ricardo do Prado. – Curitiba, 2025.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor
de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.
Orientadora: Profª. Drª. Maria Cleci Venturini.

1. Varsóvia (Polônia) - História. 2. Guetos judeus. 3. Holocausto.
4. Resistência ao governo. I. Venturini, Maria Cleci. II. Universidade
Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **PAULO RICARDO DO PRADO**, intitulada: **DISCURSO DO GUETO DE VARSÓVIA: ENTRE A CLAUSURA E A RESISTÊNCIA**, sob orientação da Profa. Dra. MARIA CLECI VENTURINI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica
28/02/2025 12:32:00.0
MARIA CLECI VENTURINI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
27/02/2025 15:06:27.0
ABÍLIO PACHÊCO DE SOUZA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE
DO PARÁ)

Assinatura Eletrônica
28/02/2025 08:43:28.0
CRISTIANE PEREIRA COSTA DIAS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica
10/03/2025 11:13:52.0
LUANA DE SOUZA VITORIANO GONÇALVES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

RESUMO

A temática do Holocausto é estudada a partir de vários objetos e um dos que merece destaque, nesta dissertação, é o Gueto de Varsóvia, recortando a resistência dos que sobreviveram. Realizamos nossa pesquisa na perspectiva da Análise de Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux na França e difundida no Brasil por Eni Orlandi e pesquisadores filiados à AD pecheuxtiana. A resistência foi além da resistência armada e dá visibilidade à existência do gueto, às práticas nazistas. Os guetos eram de clausura, segregação e subjugação dos judeus, mas, também lugares em que se realizaram gestos de resistência por meio de diferentes práticas: através do ensino, da escrita de registros sobre as condições miseráveis de sobrevivência, da luta por dar visibilidade às práticas nazistas e à violência, enterrando documentos e provas que pudessem ser encontradas na posteridade, contrariando o objetivo dos alemães de apagar os judeus da História. Estudar o Gueto de Varsóvia é de grande contribuição para os estudos da temática, do ensino sobre o Holocausto e para o campo teórico em que a pesquisa se inscreve. O livro de Samuel D. Kassow – *Quem escreverá nossa história?: os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia* – faz parte de nosso arquivo, pois apresenta a história e testemunhos do *Oyneg Shabes*, organização secreta idealizada por Emanuel Ringelblum, cujo objetivo foi registrar e documentar os aspectos mais diversos da vida no gueto, como um modo de resistir ao esquecimento e ao apagamento das práticas da violência durante o acontecimento mais conhecido como Holocausto, objeto discursivo desta investigação. A rememoração, de acordo com Venturini (2024, p. 56), dá visibilidade à memória que sustenta a leitura e interpretação de discursos por meio de sujeitos, filiados a uma FD, interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. A resistência no gueto aconteceu pela organização dos sujeitos e por sua identificação com a FD da resistência, que resulta da filiação ideológica. Se sentido de uma palavra, uma expressão, uma proposição, de acordo com Pêcheux (2014, p. 146-147), não existe ‘em si mesmo’ (não há uma relação transparente e literal no significante) esse sentido (ou sentidos, já que o sentido nunca é estanque e único) “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico”. O testemunho sobre a vida precária no gueto foi um ato de resistência não apenas ao momento histórico vivido, nas condições de produção no momento da guerra, mas, principalmente, como uma forma de resistir ao apagamento histórico dos judeus perseguidos e oprimidos pela ideologia nazista. O genocídio, a catástrofe não é sinônimo de passividade, de voluntariedade para os campos da morte, pois os judeus testemunharam e lutaram por suas vidas, resistiram à opressão e à ideologia nazista. O chamado para a resistência ao assassinato produzia efeitos também de resistência ao apagamento histórico e ao testemunho da vida no gueto e da legitimação da luta pela memória da *Shoá*.

Palavras-chaves: Gueto de Varsóvia; resistência; testemunho; arquivo; rememoração/comemoração.

ABSTRACT

The theme of the Holocaust is studied through various lenses, and one of the highlights of this dissertation is the Warsaw Ghetto, focusing on the resistance of those who survived. Our research is conducted from the perspective of Discourse Analysis (DA), founded by Michel Pêcheux in France and disseminated in Brazil by Eni Orlandi and researchers affiliated with pecheuxian DA. Resistance went beyond armed struggle and brought visibility to the existence of the ghetto and Nazi practices. The ghettos were places of confinement, segregation, and subjugation of Jews, but they were also spaces where acts of resistance took place through various practices: through education, the writing of records about the miserable conditions of survival, the struggle to give visibility to Nazi practices and violence, and the burying of documents and evidence that could be found in the future, countering the German objective of erasing Jews from history. Studying the Warsaw Ghetto contributes significantly to the field of Holocaust studies, Holocaust education, and the theoretical framework in which this research is situated. The book by Samuel D. Kassow – *Who Will Write Our History?: The Secret Archive of the Warsaw Ghetto* – is part of our archive, as it presents the history and testimonies of the *Oyneg Shabes*, a secret organization conceived by Emanuel Ringelblum, whose goal was to record and document the most diverse aspects of life in the ghetto as a way of resisting oblivion and the erasure of violent practices during the event most commonly known as the Holocaust, the discursive object of this investigation. Remembrance, according to Venturini (2024, p. 56), gives visibility to the memory that supports the reading and interpretation of discourses through subjects, affiliated with a Discursive Formation (DF), interpellated by ideology, and traversed by the unconscious. Resistance in the ghetto occurred through the organization of subjects and their identification with the DF of resistance, which results from ideological affiliation. The meaning of a word, an expression, or a proposition, according to Pêcheux (2014, p. 146-147), does not exist "in itself" (there is no transparent and literal relationship in the signifier); this meaning (or meanings, since meaning is never fixed or singular) "is determined by the ideological positions at play in the socio-historical process." Testimonies about the precarious life in the ghetto were acts of resistance not only to the historical moment lived during the war's conditions of production but, above all, as a way of resisting the historical erasure of Jews persecuted and oppressed by Nazi ideology. Genocide and catastrophe are not synonymous with passivity or voluntary submission to the death camps, as Jews testified and fought for their lives, resisting oppression and Nazi ideology. The call for resistance to murder also produced effects of resistance to historical erasure and the testimony of life in the ghetto, legitimizing the struggle for the memory of the Shoah.

Keywords: Warsaw Ghetto; resistance; testimony; archive; remembrance/commemoration.

Agradecimentos:

Sou grato aos professores que compõem a banca; sou grato a minha orientadora, não apenas por este trabalho, mas por todas as ICs, TCC, projetos de extensão... agradeço por ser influente e estar presente em minha jornada acadêmica;

Sou grato a meus colegas e amigos por toda ajuda e contribuição;

Sou grato a minha namorada, Angelica Luize, pelo apoio e paciência;

E, sou grato a minha mãe por todo esforço e sacrifício pessoal e incentivo para que eu me dedicasse aos estudos, desde os anos iniciais de ensino.

Dedico esta dissertação a Eva do Prado, minha mãe,
cujo grande sonho era ser professora de Língua
Portuguesa. Mãe, sinto que, de certa forma, dei
continuidade a esse sonho.

“Escrever tinha se tornado minha única chance de escapar do pântano de minha existência. Perseverei mesmo quando a vela da esperança havia se apagado. Perseverei por hábito, porque não tinha ideia do que mais podia fazer. [...]. Perseverei porque a escrita era minha única chance de criar algo, de escalar as paredes do poço escuro, alcançar o sonho e repousar ao sol” (Edward Bunker).

“Não há resistência sem sujeito,
Não há sujeito sem ideologia,
Não há ideologia, sem linguagem,
Não há linguagem sem equívocidade,
Não há equívocidade sem historicidade,
Não há historicidade sem sentido,
Não há sentido sem interpretação,
Não há interpretação sem gesto de leitura,
Não há gesto de leitura sem desejo,
Não há desejo sem falta,
Não há falta sem discurso,
E não há análise do discurso sem
R.E.S.I.S.T.Ê.N.C.I.A.

Por tudo isso, resistir, resistir, resistir é uma missão de nunca acabar para os analistas de discurso” (Leandro-Ferreira, 2015, p. 166).

SUMÁRIO

1- Introdução: das visibilidades e in(visibilidades) do Holocausto	p. 12
1.1 Análise de Discurso: percurso teórico-analítico.....	p. 15
1.2 Discutindo o dispositivo teórico e analítico	p. 17
1.3 Arquivo, resistência e testemunho: um início do arcabouço teórico-analítico.....	p. 22
2 – A clausura dos judeus e a comunidade judaica no gueto de Varsóvia.....	p. 27
2.1 – Da formação dos guetos como lugares de segregação.....	p. 27
2.2 – A vida na clausura e a organização coletiva do <i>Oyneg Shabes</i>	p. 33
2.3 – A comunidade judaica do Gueto e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)	p. 38
3 – O registro histórico como testemunho de resistência.....	p. 50
3.1 – A identificação com uma FD de resistência e auxílio aos judeus no gueto.....	p. 53
3.2 – A FD opressora e a ideologia disseminada através da propaganda nazista sobre os judeus.....	p. 58
3.3 – Sobre os processos discursivos e as formações imaginárias.....	p. 61
3.4 – O arquivo do <i>Oyneg Shabes</i> e a imprensa clandestina como resistência à censura e ao silenciamento.....	p. 63
4 – A rememoração/comemoração da resistência: o levante do gueto de Varsóvia.....	p. 70
4.1 – Testemunho e resistência do Levante do Gueto de Varsóvia.....	p. 71
4.2 – A rememoração/comemoração no discurso sobre a resistência.....	p. 78
4.3 – Sobre a rememoração/comemoração, discursos <i>de</i> e <i>sobre</i>	p. 79
Considerações Finais – Para um efeito de fechamento.....	p. 82
Referências.....	p. 84

1 – Introdução: das visibilidades e *in*(visibilidades) do Holocausto

Na guerra nazista contra os judeus, o principal campo de batalha era na Polônia – e o auge de sua intensidade foi em 1942. Não só porque todos os principais campos de extermínio foram construídos em solo polonês e a Polônia foi o destino da grande maioria das levas que vinham de toda a Europa, mas porque no Holocausto morreram mais judeus poloneses do que de qualquer outra nação – cerca de três milhões. Isto é, metade de todos de todos os judeus mortos no decorrer de toda Solução Final (Rees, p. 349).

O Holocausto (ou *Shoá*, ‘catástrofe’ em hebraico) é amplamente discutido por pesquisadores de diferentes domínios teóricos; no entanto, há ainda muito a pesquisar e a discutir sobre o acontecimento que foi um dos mais trágicos e violentos do século XX. A nossa análise se pauta no contexto da clausura e da resistência e partimos do entendimento de que “o passado é apagado pelos silêncios e tabus que uma sociedade mantém” (Robin, 2008, p. 85). O Gueto de Varsóvia teria caído no esquecimento, caso não tivesse havido a resistência em suas várias práticas, dentre elas a imprensa clandestina, o ensino em segredo, a organização de arquivos a partir de provas concretas que testemunhassem e, claro, através da prática da luta armada. No que diz respeito a esta última prática, destacamos o ‘O Levante do Gueto de Varsóvia’, ocorrido em 1943, quando os prisioneiros lutaram contra os nazistas, episódio que culminou no fim do Gueto.

O nosso interesse pela temática do Holocausto vem desde a graduação, na Iniciação Científica por três anos, trabalhando com O Museu do Holocausto de Curitiba e o *Museo del Holocausto*, em Buenos Aires – Argentina; e, também, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), enfocando a obra *Se é isto um homem?*, de Primo Levi, em que ele trata do Campo de Concentração de Auschwitz. Mobilizamos, no TCC, especialmente, a noção de testemunho, ancorando as discussões em Agamben (2008), Robin (2016), Mariani (2021).

Além disso, desenvolvemos, ainda na graduação, como bolsista, o projeto de extensão “Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma Luz sobre o caos”, inscrito no edital Universidade Sem Fronteiras (USF), apoiado pela SETI (Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), coordenado pela professora Maria Cleci Venturini. Participamos, também, das exposições itinerantes disponibilizadas pelo Museu do Holocausto e organizadas pela pesquisadora supracitada. As exposições iniciaram em 2022 e continuam a acontecer, juntamente com o Colóquio sobre Museus e arquivos e as exposições pretéritas

intitularam-se: “As faces de Auschwitz” e “A escravidão no Brasil”; “O Reformador do Mundo”, designação dada a Janusz Korczak, médico e educador no Gueto de Varsóvia e que aconteceu no período compreendido entre 30 de maio a 07 de junho de 2024 foi “Nossa Luta: a perseguição aos negros durante o Holocausto”.

As exposições têm por objetivo manter parceria com o Museu do Holocausto de Curitiba e dar visibilidade ao acontecimento da Segunda Guerra Mundial aos estudantes da Rede Pública e Privada de Ensino, de Guarapuava e região, abarcando temáticas pelas quais ressoam as práticas autoritárias que marcam a desigualdade, construindo pontes com práticas similares na contemporaneidade. Nossa militância, nessas exposições, foi de muita valia e nos possibilitou adentrar na temática do Holocausto, apresentando aos visitantes a história de cada tema das exposições. Participamos também dos eventos em torno de Museus e Arquivos, que se desenvolvem com foco no Holocausto; sobre isso, cabe ressaltar que em 2024 um desses eventos teve a realização da sua VI edição.

Vale destacar a nossa participação no projeto “Discursivização e representação social, histórica e material do Holocausto em museus e memoriais”, aprovado no edital Universal – CNPq, em 2021. No âmbito desse projeto, que se constitui como um ‘guarda-chuva’, possibilitando várias práticas, desenvolvemos o *Pontuando Questões* que se constitui por entrevistas a pesquisadores renomados que destacam suas pesquisas e as noções relevantes para o desenvolvimento da proposta, incrementando a circulação e o alcance da pesquisa. Esta prática se realiza em forma de *podcast* e está disponível no canal do LABELL – Laboratório de Estudos Linguísticos e Literários, no *YouTube*. Foram realizadas duas temporadas do projeto, entrevistando dez pesquisadores, destacando-se, além da coordenadora do projeto, os professores doutores Abílio Pachêco (UNIFESSPA), Bethânia Mariani (UFF), Evandra Grigoletto (UFPE), Adriana Minardi (UBA- CONICEF- Argentina), Juan Manuel López Muñoz (UBA – Universidad de Cádiz – Espanha), Alejandra Vitale (UBA- CONICEF- Argentina), Michel Ehrlich (Coordenador de História do Museu do Holocausto de Curitiba), Cristiane Costa Dias (LABERURB/UNICAMP).

A terceira temporada inicia com a participação da Profa. Dra. Vanise Gomes Medeiros (UFF), no dia 06 de agosto de 2024 e entrevistou, entre outros, Alexandre Ferrari (UNIOESTE), Verli Petri (UFSM), Débora Massmann (UFAL), sendo que a entrevista com Carlos Reiss, diretor do Museu do Holocausto de Curitiba, ainda esta por fazer e, possivelmente, encerra essa atividade, mas recomeça com outra, em que a pergunta é: “Por onde andam nossas pesquisas”?

O enfoque em torno do Gueto de Varsóvia é relevante porque se constitui como um visada do que foi o Holocausto, desmistificando afirmações de que os prisioneiros, destacando os judeus, não resistiram e, também, para discutir o testemunho de Primo Levi (1988), quando destaca que os nazistas acreditavam que seria possível apagar da História os judeus, referindo-se aos acontecimentos da guerra e desses sujeitos como povo, condenado à Solução Final, preconizada por alemães.

Ao se trabalhar e pesquisar sobre o ensino e transmissão do Holocausto é natural pensar na instituição referência no Brasil sobre o que foi o Holocausto, O Museu do Holocausto de Curitiba. Em suas dependências, há um pátio interno, o qual é acessado antes de se iniciar a visita propriamente dita, e se ter acesso ao acervo museológico. Nesse pátio, há um enunciado retirado do diário de Anne Frank: “Apesar de tudo, ainda acredito na bondade humana”. Há também uma placa translúcida contendo um poema de Haim Guri, intitulado *Resistência*.

RESISTIU

Resistiu quem se dedicou ao contrabando de pão.
Resistiu quem educou em segredo.
Resistiu quem escreveu e distribuiu uma revista clandestina que alertou.
Resistiu quem escondeu um Sefer Torá.
Resistiu quem falsificou documentos “arianos” e com isso outorgou a vida.
Resistiu quem ajudou os perseguidos a fugir de país em país.
Resistiu quem escreveu o acontecimento e o enterrou na terra.
Resistiu quem ajudou quem precisava mais que a si mesmo.
Resistiu quem disse uma palavra quando o outro aproximava-se da morte.
Resistiu quem se levantou frente a seus assassinos com mãos vazias.
Resistiu quem passou ordens, mensagens e armas.
Resistiu quem sobreviveu.
Resistiu quem lutou nas ruas, nas montanhas e nos bosques.
Resistiu quem se levantou nos campos de extermínio.
Resistiu quem se sublevou nos Guetos, entre muros destruídos,
na sublevação mais desesperada que conheceu que conheceu o homem em sua vida.

– Haim Guri

Acima está contido o poema em sua totalidade, e ao lê-lo, nos deparamos com variadas práticas de resistência, as quais são elencadas, nos mostrando como ela foi praticada pelos judeus e outros grupos sociais aprisionados e perseguidos pelos nazistas, sinalizando para sua heterogeneidade, que se dá a partir de sujeitos e da ideologia que os interpelam.

A resistência dos judeus no Gueto de Varsóvia perpassa esta dissertação, demandando pesquisa teórica sobre esta noção a partir de testemunhos, que indicam a constituição de

arquivo como uma das formas de resistência, do que demanda discussões teóricas na constituição de arquivo. Com isso, discutimos a contribuição do arquivo disponibilizado pelos judeus na *resistência*, dando condições para que ela fosse praticada no Gueto de Varsóvia e se inscrevesse na História. Destacamos o Levante, como um episódio central na história do Gueto e, para isso buscamos suporte teórico, retomando as noções necessárias para as análises das materialidades significantes que compõem nosso *corpus*.

Os testemunhos estão ligados à catástrofe e versam sobre o trauma, acerca da *Shoá*, que se configura como a que não deveria ter sobrevivido, o que resultaria no seu apagamento para o mundo não falar dela. Se a Solução Final, tão pretendida pela ideologia nazista, tivesse sido realizada, talvez a História permanecesse incompleta e parte dos acontecimentos cairiam no esquecimento. Nos campos de concentração e nos guetos, os judeus e outros grupos sociais perseguidos pelo regime nazista lutavam para sobreviver, a luta era diária e constante, pela vida e pelo não apagamento na História.

A resistência se apresentou de várias formas, através do ensino, da escrita de registros sobre seu cotidiano, da organização de arquivos e, também através da resistência armada. Estudar, compreender e refletir sobre os aspectos de vida no Gueto de Varsóvia é de suma importância para dar visibilidade às condições precárias em que os sujeitos enclausurados não apenas sobreviviam, como também resistiam às práticas de segregação que objetivavam seu apagamento da História.

1.1 – Análise de Discurso: percurso teórico-analítico¹

Conforme destacamos na introdução, há necessidade de retomar e discutir os dispositivos analíticos que contribuem para as análises, por isso, na continuidade desse capítulo, vamos retomar a Análise de Discurso, tal como formulada por Michel Pêcheux contribui para a produção do conhecimento. Apresentamos aqui uma discussão de retomada dos dispositivos teóricos e analíticos na Análise de Discurso, além da apresentação das principais noções que fundamentam esta pesquisa: arquivo, testemunho e resistência.

A Análise de Discurso, como apontado por Denise Maldidier (2017) no livro *A inquietação do discurso*, surgiu na França e o gesto inaugural foi a tese de Michel Pêcheux, defendida em 1969, designado “o estranho livro que aparece na Dunod em 1969 com o título

¹ A Análise de Discurso não possui uma metodologia fechada, mas um percurso que se realiza, de acordo com Orlandi (2003, p. 10) destaca que na Análise de Discurso, “Não há uma teoria já pronta que sirva de instrumento para a análise”. Isso ocorre, segundo a autora, porque a análise precede a teoria e, de acordo com Petri (2013), as análises acontecem num movimento pendular, um movimento de ida e volta constante.

provocador de *Análise Automática do Discurso*²” (Maldidier, 2017, p. 19), segundo a mesma autora, trazendo o discurso como um objeto novo, sendo que “nele se ligam - pela primeira vez - todos os fios” (idem, p. 19). Mesmo assim, o livro de Pêcheux é ainda um esboço da teoria e dá visibilidade a um pesquisador ligado à Filosofia, e que tomado pela vontade de construir uma ‘máquina’ interpretativa, busca produzir uma ‘virada’ nas ciências humanas. De acordo com Venturini e Petri, (2019, p. 13), “há uma atmosfera política e científica propícia à produção do conhecimento na França nos anos 1960; era uma urgência daquele tempo histórico, na formação social [...]”.

Antes da publicação da *Análise Automática*, Pêcheux escrevia com o pseudônimo Thomas Herbert. Mas a tese que veio à luz em 1969, no período chamado de AAD-69 “foi um manifesto metodológico, que anunciou o aparecimento de uma análise de discurso francesa para a França e para fora dela, sobretudo para o mundo da Linguística e para o mundo da informática” (Venturini e Petri, 2019, p. 14).

O grande livro de Pêcheux, de acordo com Denise Maldidier (2017), foi *Vérités de La Palice: Linguistique, Sémantique, Philosophie*, de 1975 (traduzido no Brasil, por Orlandi e por pesquisadores ligados a ela com o título: “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, em que ele retomou a teoria transformando-a, realizando o gesto ‘inaugural’ de colocar “em um mesmo espaço teórico, a Linguística e a Semântica e, como avanço teórico, um terceiro termo: a Filosofia” (Venturini e Petri, 2003, p. 17). Trata-se, de acordo com Maldidier (2017, p. 44) de “um verdadeiro livro, onde o desenvolvimento do pensamento encontra a escrita”.

Assim, a *Análise de Discurso* se desenvolve, tomando a língua na história, a partir de uma base Linguística e de processos discursivos, de modo que, “o analista de discurso tem que ser linguista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo”, conforme Courtine (2019, p. 18). Antes da publicação do novo livro fundador da AD, de acordo com Maldidier (2003, organizou um grupo de trabalho composto de linguísticas, historiadores, filósofos, psicanalistas, mas, além disso, reconhecendo a necessidade de ser linguista.

Rerler Pêcheux hoje, tal como é destacado por Maldidier significa a *Análise de Discurso*, enquanto campo teórico que repensa continuamente os seus pressupostos; um exemplo é o texto “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação” publicado em 1978 no anexo III do livro *Semântica e Discurso: uma crítica à*

² A tese de Michel Pêcheux foi traduzida para o Português, em 2019, por Eni Orlandi e Graciely Costa, pela Pontes Editores.

afirmação do óbvio (Pêcheux, 2014), levantando questões em torno das relações entre a Linguística e a Psicanálise. Nesse texto, o autor afirma que não há identificação plena, já que

[...] o sentido é produzido no ‘*non-sens*’ pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar, imediatamente que *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços* no sujeito-ego da ‘forma-sujeito’ ideológica, identificada com a evidência de um sentido (Pêcheux, 2014, p. 277).

Além desses textos, há outros de Michel Pêcheux, mas destacamos o livro de 1975³, como aquele que embasa os pressupostos da disciplina, que é interpretativa e de entremeio, e busca “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2015, p. 13). Desse modo, volta-se para outras áreas do conhecimento, como a Psicanálise e a História, sempre questionando-as, indagando pelo que elas deixam de fora. A História é uma disciplina para a qual a AD coloca questões, mobilizando-a no discurso como historicidade e não como acontecimento significado por datas. A AD tem como fundamental a questão do sentido; “na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido”; e “só faz sentido porque se inscreve na história” (Orlandi, 2015, p. 23). Ainda de acordo com Orlandi, há muitas maneiras de se estudar a linguagem; e uma maneira particular deu origem à Análise de Discurso, que

[...] como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. [...] A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto a transformação do homem e da realidade em que ele vive (2015, p. 13).

É nesse sentido que o estudo a partir da perspectiva da AD sobre o Holocausto se apresenta amplo em suas possibilidades de análise, pensando a resistência, ao estudarmos os guetos nos quais os judeus eram enclausurados. Ao testemunhar, eles relataram as condições de vida no gueto, sendo a linguagem essa mediação entre os enclausurados e segregados e os

³ *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, traduzido no Brasil por Eni Orlandi e seu grupo em 1985 pela editora da UNICAMP e reeditado em 2009 pela Pontes Editores. Nesta pesquisa usamos a edição de 2024.

efeitos de realidade social no gueto de Varsóvia. As condições de vida visível pelos testemunhos se constituem pela educação em segredo para que os nazistas não descobrissem; pela colaboração entre sujeitos que viviam nos guetos com o objetivo de manter a implementação de práticas que pudessem suprir a assistência social aos que ali viviam e necessitavam; do contrabando de alimentos; e até mesmo no registro dos escritos sagrados da religião judaica.

1.2 – Discutindo o dispositivo teórico e analítico

Como apontado anteriormente, nossa pesquisa está filiada à Análise de Discurso e em relação a ela cabe ressaltar e explicar alguns aspectos concernentes e fundamentais para o desenvolvimento de uma análise discursiva. E como toda análise segue determinados dispositivos, com a AD não é diferente, os trabalhos a partir de sua perspectiva seguem determinados princípios analíticos, princípios esses que demandam um cuidado para com a análise.

A Análise de Discurso, como argumenta Orlandi, no livro *Princípios e procedimentos* (2015, p. 19-25), sendo a Análise de Discurso uma disciplina interpretativa e de entremeio, sendo assim, o que ela teoriza é a interpretação, colocando-a em questão. Dessa forma, a AD busca compreender como um objeto simbólico produz sentidos, sendo que eles são produzidos por sujeitos para sujeitos. Esse é um ponto importante ao analisarmos a produção discursiva na linguagem, pois não temos uma simples e mera transmissão de informação através de enunciados, o que temos é a produção de discursos por sujeitos e para sujeitos que são constituídos ideologicamente.

O que o analista de discurso realiza é um gesto de interpretação, interpretando um espaço específico nos discursos, o espaço da incompletude no espaço simbólico e é o silêncio que produz esses sentidos através dessa relação com o simbólico. A interpretação dá visibilidade ao possível, como lugar próprio da ideologia que é ‘materializada’ pela história. A interpretação a partir da AD demanda a mobilização de noções que ajudam a responder à questão de pesquisa que determina o *corpus* e o dispositivo analítico. Um aspecto determinante para a questão de pesquisa é o material sobre o qual se detêm a análise, pois cada material exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição

dos materiais. Através das noções mobilizadas usamos de nosso dispositivo analítico para responder à questão de pesquisa, que nesta dissertação é: *Como ocorreu a resistência dos judeus no Gueto de Varsóvia?*

Os conceitos da AD são mobilizados a partir da particularidade de cada material, sendo também a partir do recorte da temática abordada que o material de análise será reunido; as questões relativas à pesquisa (já que a pesquisa pode apresentar mais de uma) determinam o dispositivo analítico presente neste dispositivo teórico que é a Análise de Discurso.

Assim, ao realizarmos uma análise, devemos nos ater ao fato de que todo discurso é dotado de posições e tomadas de posição a partir de prática e de dizeres produzidos por sujeitos, que são interpelados ideologicamente. De acordo com Pêcheux (2014, p. 134) ao retomar o que já havia sido posto por L. Althusser “*A Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*” e isso designa exatamente que ‘o não-sujeito’ é interpelado/constituído pela Ideologia [...]”. O autor destaca ainda, a questão da interpretação como efeito retroativo, de modo que todo o indivíduo “seja sempre-já-sujeito” (Pêcheux, 2014, p. 142). Essa tese já vem funcionando desde a tese do fundador da AD, notadamente, em sua definição de discurso como “‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (Pêcheux, 2019, p. 39), indissociando sujeito e discurso.

Como aponta Verli Petri (2013, p. 39), a Análise de Discurso, assim como outras áreas do conhecimento, “tem seus princípios básicos, sua metodologia de análise, seu desenvolvimento no Brasil”. Sendo assim, é de se esperar que há também uma linguagem cientificamente embasada e que apresenta suas “expressões-chave”.

A partir disso e dos princípios apontados antes, sobre o dispositivo analítico e a mobilização das noções necessárias para as análises, faz-se necessário compreender esse movimento analítico, que na Análise de Discurso a pesquisadora analisa como movimento pendular, que representa o movimento que o analista realiza entre a teoria e a análise como um dos pressupostos da Análise de Discurso, que se constitui por movimentos. Petri (2013, p. 41-42) destaca que para

[...] compreendermos um pouco mais do movimento pendular, importa saber que ele tem um ponto de partida: a inércia. Essa inércia funciona como um ponto de referência, lugar de significados estabilizados na forma do já-dito, enquanto noções básicas que sustentam uma teoria. Podemos descrever esse efeito transitório, mas necessário, de inércia como o ponto de encontro entre o analista, o arquivo e a teoria, sendo este último elemento considerado enquanto conjunto de noções básicas (provisoriamente) estabilizadas, como ponto de partida para o movimento pendular. O pêndulo, embora seja reconhecido por característica de movimento, mantém seu plano de oscilação

fixo no plano vertical pelo ponto de suspensão. Há um ponto de equilíbrio que é inicial, que é fundante do movimento, mas esse ponto não é, necessariamente, a teoria. [...]. Não há uma predeterminação que estabeleça onde tem início o movimento pendular que o analista de discurso realiza em seu trabalho, ele pode ou não ter início na teoria. Às vezes, o movimento tem início no contato do analista com o objeto de análise, isso se dá na fase inicial da análise ou em fases bem adiantadas do processo. Talvez possamos dizer que é no processo de ir e vir (da teoria para a análise e/ou vice-versa) que o pêndulo agita os processos de produção de sentidos sobre o corpus, movimentando a contemplação que estagnaria o analista e, conseqüentemente, o movimento de análise (Petri, 2013, p. 42).

Esse movimento descrito pela metáfora do pêndulo que representa esse ir e vir entre a teoria e a análise que estamos realizando também é referido em nossa dissertação, indicando que o movimento é necessário para que possamos nos voltar para o objeto e para os fundamentos teóricos e encadear, assim, nossas análises das sequências discursivas. Naquilo “que fundamenta a metodologia de análise” (Petri, 2013, p. 40), cabe ressaltar que nos voltaremos também para outras áreas do conhecimento e de novo para a AD como “uma disciplina de entremeio”; assim, a partir da questão de pesquisa teremos nosso “dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso”, a análise do nosso *corpus* “se constrói num movimento pendular entre teoria e análise”.

Em relação à forma do *corpus*, faz-se necessário destacarmos os recortes dos textos que compõem nosso arquivo. Dessa forma, recortamos do nosso arquivo, sequências discursivas (SDs), as quais, como argumenta Courtine (2022, p. 57): “[...] reunidas e que respondem às exigências expressas anteriormente receberão uma organização segundo um plano estruturado em certo número de dimensões, o que equivale a determinar uma forma ao *corpus* discursivo”. Essa forma do *corpus* decorre, igualmente, do que o analista coloca como questão de pesquisa a partir da constituição do *corpus* e do que é demandado por ele, colocando em suspenso, portanto, os sentidos, que podem ser outros, mas de acordo com Orlandi (2012, p. 22) “O sentido na AD, não está fixado a priori como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica”.

As sequências discursivas – as quais serão organizadas em uma sequência a ser recortada e analisada e as quais são designadas SDs – também tiveram como determinante para seu recorte a questão de pesquisa, pois ressaltamos que é a partir dela que mobilizaremos as noções trabalhadas na análise. As SDs são recortadas e analisadas através conceitos teóricos, trazendo encadeamento para o movimento analítico – o movimento pendular.

Ainda com base em Courtine (2022, p. 57), ressaltamos a maneira como o corpus discursivo é constituído por uma sequência ou por várias sequências discursivas, as quais

podem ser produzidas por um ou mais locutores. Em discursos políticos, por exemplo, nos deparamos com “sequências discursivas produzidas a partir de posições ideológicas homogêneas/heterogêneas”. Na AD, análises de discurso político são frequentes e “pertencem a uma formação discursiva/a várias formações discursivas”.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é de dar visibilidade à resistência dos judeus enclausurados no Gueto de Varsóvia. Em relação aos objetivos específicos estão: o de dar continuidade aos estudos discursivos sobre o Holocausto; continuar participando das exposições e do projeto Universal, entendendo o mesmo quando se encerrar, destacando a importância de ‘pontuar questões’. Objetivamos também contribuir para os estudos discursivos de linha pecheuxtiana, centrando em análises no Gueto de Varsóvia, mais especificamente na resistência dos sujeitos que lá estavam enclausurados.

Neste enfoque, vemos a importância do testemunho dos judeus que viveram nos guetos e da luta para guardar esses arquivos e fazer com que chegassem ao conhecimento do mundo, mostrando os horrores pelos quais passavam. Tanto os testemunhos quanto as testemunhas foram essenciais para a construção da memória da *Shoá* e a partir de sua importância visamos contribuir para os estudos da Análise de Discurso sobre o Holocausto.

Os testemunhos sobre o genocídio são essenciais para que possamos compreender e refletir como as práticas de homens contra homens. As práticas orquestradas e disseminadas pela mente de um sujeito constituído e tomado por ideais de uma “raça pura” que estava em “perigo” – que estava “ameaçada” por pessoas que “atentavam” contra a “pureza” e a “moralidade” da “raça ariana” deviam ser exterminados do mundo – foram capazes de assassinar milhões de vidas. Os testemunhos são o registro da crueldade que a humanidade é capaz de realizar e permitir ser realizada, mas, também são o registro da capacidade de resistência e força de pessoas que lutaram para compartilhar com o mundo o que viveram e presenciaram. Os testemunhos representam a resistência exercida por aqueles estavam sendo oprimidos, que estavam sendo assassinados por Hitler e seus colaboradores.

A dissertação estrutura-se em quatro capítulos, nos quais analisamos as questões referentes a testemunho e a testemunhas, arquivo e resistência, a fim de responder nossa questão de pesquisa, apresentada anteriormente e trazida aqui novamente sobre: *Como ocorreu a resistência dos judeus no Gueto de Varsóvia?*

Para responder tal questão selecionamos um arquivo composto por textos que tratam do Gueto de Varsóvia, como os livros: *Quem escreverá nossa história?: os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia* (2009), de Samuel D. Kassow; *Esparsas: viagens aos papéis do Gueto*

de Varsóvia (2023), de Georges Didi-Huberman; *O dever da memória: o Levante do Gueto de Varsóvia* (2003); *Os 948 dias do Gueto de Varsóvia* (2024); *Resistência: O Levante do Gueto de Varsóvia* (1995); e, *O diário de Mary Berg: memórias do Gueto de Varsóvia* (2010).

Com vistas a responder à questão de pesquisa proposta anteriormente, focamos em dar visibilidade à resistência no Gueto, enfatizando a necessidade do ensino, da rememoração e da transmissão dos testemunhos, os quais são essenciais para a reflexão sobre a *Shoá*.

1.3 Arquivo, resistência e testemunho: um início do arcabouço teórico-analítico

A leitura de um arquivo, entendido como enfatiza Pêcheux (2014, p. 59), no sentido de amplo de um ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’, é trazido aqui para os testemunhos e arquivos produzidos pelas testemunhas da *Shoá*, os quais fazem parte de uma ampla gama de arquivos sobre esse acontecimento histórico. Dada sua amplitude, faz-se necessário um recorte minucioso sobre a temática, ainda mais quando pensamos nos guetos onde os judeus foram colocados sob segregação. Nem todas as testemunhas sobreviveram, mas hoje temos acesso a diários, por exemplo, de sujeitos que estiveram na clausura, seja em algum lugar onde conseguiram refúgio, seja nos guetos ou nos campos. Esses arquivos servem de aviso para as gerações que seguem e são textos sobre os quais os estudiosos do tema se debruçam e realizam suas análises.

Destacamos entre os estudiosos, Guilhaumou, Maldidier e Robin (2016, p. 115) que enfatizam o trabalho do arquivo, a partir da Análise de Discurso, essa disciplina surgida na França. Os pesquisadores citados se inscrevem na perspectiva do discurso; dessa forma, o que se busca a partir dessa perspectiva da relação entre História e Linguística, entendendo que desde muito cedo “os obstáculos provenientes da relação com a História” levantam críticas à configuração metodológica inicial. A questão do *corpus* concentra as interrogações; a do arquivo trazer as respostas. Esse *corpus*, na AD clássica, era recortado de um arquivo que tinha sua origem em textos impressos (os quais já haviam sido analisados e compilados pelos historiadores). Anteriormente, os estudiosos tomavam a materialidade arquivística como uma evidência; Porém, a abordagem atual “considera a complexidade do fato arquivístico”. Em relação ao arquivo, devemos levar em consideração que:

O arquivo jamais é dado; à primeira vista, seu regime de funcionamento é opaco. Todo arquivo, sobretudo é manuscrito, é identificado pela presença de

uma data, de um nome próprio, de um selo de uma instituição etc., ou ainda pelo lugar que ele ocupa em uma série. Para nós, essa identificação, essencialmente institucional, é insuficiente não diz tudo sobre o funcionamento do arquivo, aliás, longe disso. [...]. Isso porque o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional; ele é, em suas próprias materialidade e diversidade, organizado por seu campo social. O arquivo não é um simples documento do qual são retirados os referentes; ele permite uma leitura que revela dispositivos, configurações significantes (Guilhaumou; Maldidier; Robin, 2006, p. 115-116).

Analisar um arquivo significa se voltar primeiramente para a temática sobre a qual você realiza seu recorte analítico, devendo ter em mente que seu regime de funcionamento é opaco, ou seja, seus sentidos – ou melhor dizendo, seus efeitos de sentido não são evidentes. Os efeitos de sentido não são evidentes e nem estanques, isso quer dizer que os efeitos de sentido podem variar de acordo com cada analista e de acordo com o dispositivo analítico a partir do qual se irá trabalhar. Dentre os textos que compõem nosso *corpus* está o livro de Samuel D. Kassow (*Quem escreverá nossa história?*) que trata dos arquivos produzidos pelo *Oyneg Shabes*, a organização secreta que documentava os aspectos da vida no Gueto de Varsóvia. Sendo idealizado por Emanuel Ringelblum,

[...] o Oyneg Shabes [...] envolveu o trabalho de dezenas de pessoas que documentaram e registraram a vida judaica durante a ocupação nazista. Mas essa ‘sociedade religiosa’ secreta, como Ringelblum denominava o *Oyneg Shabes*, teve o mesmo triste destino do judaísmo de Varsóvia. Pouquíssimos colaboradores [...] sobreviveram à guerra. Um deles foi a jornalista e escritora Rachel Auerbach. Outro foi Hersh Wasser, secretário do arquivo, e sua esposa, Bluma. E o próprio Wasser só não morreu por um triz. Em 1943 pulou de um trem que seguia para Treblinka. [...]. Mas Wasser e esposa sobreviveram. Se não fosse ele a conduzir as buscas, provavelmente o arquivo nunca teria vindo à luz (Kassow, 2009, p. 17, grifo próprio).

Imagem 1: Rachel Auerbach. Fonte: Kassow (2009).



O registro dos acontecimentos, da rotina, das condições precárias a que os judeus foram sujeitos foram registradas em diários, livros e escritos que denunciavam o descaso e a tentativa de aniquilação total dos judeus, objetivo central da “Solução Final” de Hitler. Esses registros funcionam como testemunho da resistência exercida pelas vítimas dos nazistas. O testemunho está inscrito na perspectiva da memória da *Shoá* e é nessa memória que se encontram também os guetos nos quais os judeus foram aprisionados, obrigados a lutar e resistir pela sobrevivência, instaurando-se uma resistência que se estendeu dos guetos aos campos de concentração.

Ao pensarmos na transmissão da memória do Holocausto, nos deparamos com uma questão inicial que perpassa o trabalho dos historiadores, e consiste em perguntar: *o que foi o Holocausto?* Como analistas de discurso, entendemos que a pergunta em questão se legitima pela forma como ainda nos deparamos com a desinformação e o negacionismo. Assim, faz-se necessário apresentarmos alguns pontos sobre esse fato histórico e até mesmo sobre a questão semântica da palavra.

Agamben (2008, p. 37-40) apresenta uma explanação sobre a palavra “holocausto”, “um infeliz termo” originado dessa “exigência de justificar a morte *sine causa*⁴, de atribuir um

⁴ Sem causa; sem motivo; sem razão – em latim.

sentido ao que parece não poder ter sentido” (p. 37). A palavra “Holocausto” é a transcrição do termo latino *holocaustum*, “que, por sua vez, traduz o termo grego *holókaustos* [...] que significa literalmente ‘todo queimado’” (p. 37-38). Esse termo, produz efeito de sentido de passividade e de voluntariedade por parte das vítimas; já a o “termo *shoá*, que significa ‘devastação, catástrofe’, e, na Bíblia, implica muitas vezes a ideia de uma punição divina” (p. 40) é usada para substituir a palavra holocausto⁵.

Como argumenta Rees (2018, p. 370), falar sobre o genocídio não é tarefa fácil, talvez a tarefa “seja até dificultada devido ao termo ‘Holocausto’ – [...] uma palavra que só recentemente passou a ser associada na consciência popular ao extermínio dos judeus”. Porém, mesmo a palavra “‘holocausto’ – como sinônimo de perseguição nazista aos judeus” (Rees, 2018, p. 370) – não sendo mais adequada para expressar o sentido real do genocídio, a palavra ainda é a mais difundida e conhecida pelos não estudiosos e também por especialistas no tema.

Para falarmos de resistência, faz-se necessários mobilizarmos esta outra noção, que nos inquieta em relação ao testemunho, a de resistência. De acordo com Maria Cristina Leandro Ferreira (2015):

A concepção do que entendemos como resistência no âmbito da teoria relaciona-se diretamente ao modo como operamos com o conceito e aos princípios norteados de nossa prática. A Análise do Discurso (AD) na vertente pecheuxiana que nos afeta leva em conta, particularmente, a resistência (e a revolta) tanto no campo da língua, como do sujeito e da história. [...]. A questão da resistência, tanto na língua, quanto do sujeito, é atravessada diretamente pelo caráter material que constitui os sentidos. Ao analista cabe não somente admitir a resistência, mas também trabalhar com os conceitos de língua, de sujeito e de história que reconheçam, nos fatos do discurso e nos gestos de resistência manifestados, o real que é próprio a cada um dos conceitos concernidos pelo tripé da Análise do Discurso (p. 159-160).

Resistência e testemunho são colocados aqui pela relação com o dizer e dizer não lhe seria permitido dizer; quando não lhe seria permitido partilhar a dor da violência sofrida pelo opressor nazista. O testemunho, como argumenta Bethania Mariani (2021, p. 42-43), está relacionado com o ato de transmitir de maneira individual uma “experiência discursiva indizível”. Testemunhar requer um “falar urgente para não esquecer e para não deixar que os

⁵ Venturini (2022) trabalhou com as designações Holocausto, *Shoá* e Churban, destacando que elas não são indiferentes aos sentidos, instaurando redes de memória e destacando o retorno de discursos que circularam antes em outros lugares, como pré-construídos (Pêcheux, 2014).

outros esquecerem”, é um apontar para o memoriável sempre marcado pelas lacunas da memória e pela incompletude presente na linguagem.

É através de textos que trazem testemunhos e discussões sobre o Gueto de Varsóvia que compomos nosso arquivo sobre a resistência dos judeus nesse lugar de clausura. Nesse sentido, o povo como uma unidade coletiva que sofreu a perseguição nazista foi marcada pela resistência, e pela revolta contra seus opressores. Essa relação de forças opressivas e da resistência por parte dos oprimidos aponta para a tentativa de apagamento da história, da cultura e da vida judaica de um lado; e de outro, a revolta dos segregados no gueto.

Imagem 2: galões de leite e caixas de metal nos quais os arquivos produzidos pelo Oyneg Shabes foram enterrados. Fonte: Kassow (2009).



A imagem acima demonstra como os testemunhos eram enterrados em recipientes que servissem para os manter a salvo e fazer que em algum momento pós cárcere, os escritos fossem (re)descobertos.

2 – A CLAUSURA DOS JUDEUS E A COMUNIDADE JUDAICA NO GUETO DE VARSÓVIA

2.1 – Da formação dos guetos como lugares de segregação

Os guetos na Polônia ocupada eram fenômenos sem precedentes: não eram comunidades normais nem campos de concentração. Durante algum tempo os alemães permitiram um espaço mínimo para que os judeus organizassem algo que se afigurava como uma espécie de vida em sociedade. Embora grande parte da vida no gueto fosse uma distorção grotesca de uma sociedade ‘normal’, sobreviviam profundos traços da cultura e dos valores anteriores à guerra. Seria um exagero falar de uma ‘sociedade civil’ no Gueto de Varsóvia, mas a vida política era intensa e havia e havia uma ampla rede de organizações agrupadas em torno do *Aleynhilf*⁶. Apesar do êxodo maciço em 1939, o Gueto de Varsóvia ainda contava com uma grande massa crítica de jornalistas, intelectuais, agentes assistenciais e outras lideranças (Kassow, 2009, p. 126, grifo próprio).

Neste capítulo, vamos tratar das condições sócio-históricas de produção no período da Segunda Guerra, as quais foram decisivos para a formação dos guetos como lugares de enclausuramento dos judeus. Trataremos também de analisar como ocorreu a formação e atuação do *Oyneg Shabes* no interior do Gueto de Varsóvia. Além disso, outra parte importante deste capítulo dá destaque para o gueto como comunidade judaica e sobre a atuação dos aparelhos de Estado, tanto ideológicos quanto repressivos atuando e exercendo a ideologia da classe dominante no Gueto de Varsóvia.

Na Polônia, segundo Milgram e Rozett (2012, p. 31-33), antes dos judeus serem enclausurados nos guetos pelas forças nazistas, as medidas e decretos antisemitas, implementados pelos nazistas e pela expansão territorial alemã, levaram esse povo à miséria. Era comum os judeus terem seus pertences confiscados, sem falar no acesso a condições básicas da vida cotidiana, das quais eram privados. Em geral, os guetos foram estabelecidos

⁶ *Aleynhilf*, ou sociedade de Auxílio Mútuo judaico.

nas áreas menos favorecidas das cidades e vilas, sendo concebidos “como locais de concentração temporária, submetidos a uma estrita vigilância, onde a mão de obra dos judeus seria explorada” (idem, p. 31). As áreas, nas quais os guetos foram estabelecidos, eram pequenas e aos poucos se tornaram superpovoadas e proibidas para os não judeus.

De acordo com as informações presentes na Enciclopédia do Holocausto, disponível pelo site do *United States Holocaust Memorial Museum*⁷, o termo "gueto" tem suas origens na Itália, no ano de 1516, quando foi estabelecido um bairro judaico em Veneza ao qual se deu o nome de “gueto”. Nesse bairro, as autoridades locais obrigaram os judeus a viver. Já no século XX, os guetos não existiam mais, até que, durante o Holocausto, os nazistas os recriaram para aprisionar e segregar os judeus. Os guetos fizeram parte do processo de controle, desumanização e assassinato em massa dos judeus – a Solução Final de Hitler. De maneira geral, eram bairros (normalmente fechados) de uma cidade onde os alemães concentravam a população judaica e a obrigavam a viver em condições miseráveis. Os alemães estabeleceram guetos na Polônia e na antiga União Soviética, sendo o primeiro deles na Polônia, em Piotrków Trybunalski, no ano de 1939.

Israel Gutman (1995, p. 76-), em seu livro *Resistência: o Levante do Gueto de Varsóvia*, discorre sobre como no início da ocupação nazista não havia um plano político definido em relação aos judeus na Polônia. O estabelecimento dos *Judenrat* (Conselho Judaico em alemão) fazia parte do plano de Heydrich⁸ de 30 de setembro de 1939, mas não se instituiu nenhum plano concreto para um futuro próximo de aniquilação. A solução final, o aniquilamento completo dos judeus passou a ser desenvolvido a partir da segunda metade de 1941 e antes que fosse instituída, cogitava-se a evacuação dos judeus para a ilha de Madagascar (localizada ao largo leste do litoral da África) já que muitos países se recusavam a admitir judeus. Os assassinatos faziam parte das ações nazistas, mais especificamente as unidades móveis de matança, subordinadas à polícia e a SS, mas o aniquilamento passou a ser a política do *Reich*⁹ de janeiro do ano seguinte em diante.

⁷ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/ghettos-abridged-article>

⁸ Oficial militar alemão durante a Segunda Guerra Mundial; Reinhard Heydrich é também conhecido como arquiteto do Holocausto.

⁹ A subida do nazismo ao poder colocou fim à República de Weimar, uma democracia parlamentarista estabelecida na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Com a nomeação de Adolf Hitler como chanceler, em 30 de janeiro de 1933, a Alemanha (também chamada de Terceiro Reich) rapidamente transformou-se em um regime em que os cidadãos não mais possuíam direitos básicos garantidos pelas leis. A cultura, a economia, a educação e as leis passaram para o controle nazista. Uma ampla campanha de propaganda foi desenvolvida para disseminar os objetivos e ideais do regime (Trecho retirado da Enciclopédia do Holocausto, disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/third-reich-abridged-article>).

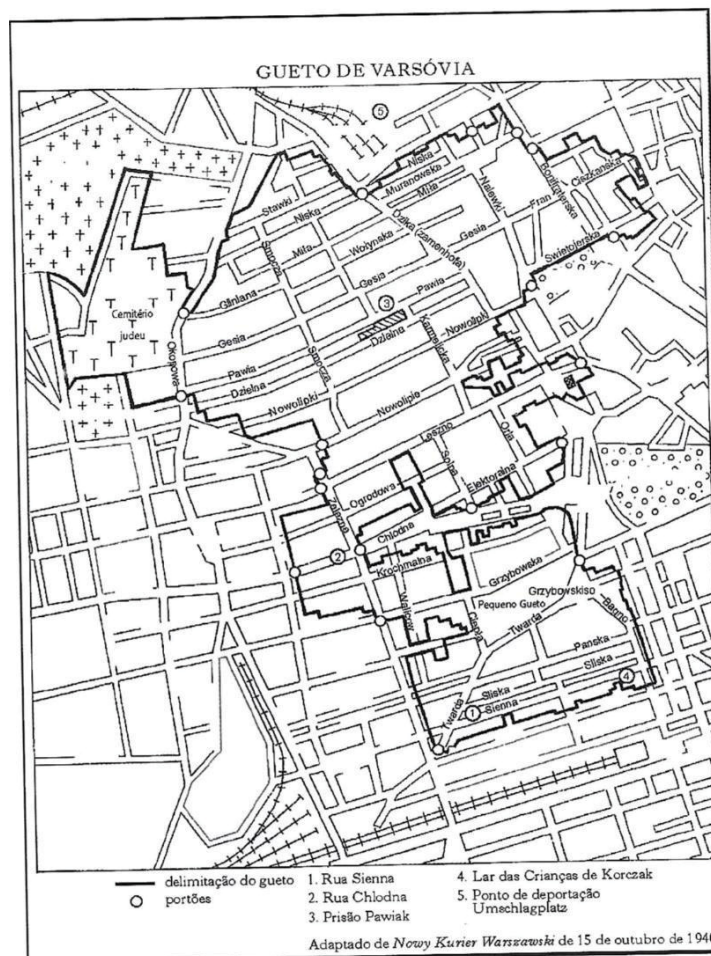
O assassinato em massa dos judeus já estava sendo colocado em prática. O isolamento e a separação da comunidade judaica faziam parte dessa política que havia sido arquitetada e estava sendo colocada em prática cada vez mais. A segregação no gueto não apenas separava promovia o isolamento da comunidade judaica das demais comunidades, mas também a isolava das condições e recursos básicos da vida cotidiana. As condições de vida nos guetos eram insuportáveis:

Havia superpopulação, e várias famílias eram obrigadas a dividir uma mesma residência. Os sistemas de esgoto eram destruídos pelos nazistas, e os dejetos humanos tinham que ser jogados nas ruas juntamente com o lixo. Não havia comida, as pessoas viviam famintas. Para manter estas condições subumanas, estender o sofrimento dos judeus ao máximo, os alemães permitiam que os residentes comprassem uma pequena quantidade de pão, batatas e gordura, praticamente insuficiente para sobrevivência, a nada mais. Alguns moradores que possuíam dinheiro guardado ou pertences valiosos conseguiam trocá-los por qualquer comida que entrasse clandestinamente nos guetos. Outros tinham que mendigar ou roubar para sobreviver (USHMM¹⁰, A vida nos guetos).

Muitos desses espaços foram cercados por muros ou cercas de arame para isolar os judeus das outras pessoas e do mundo exterior. Então, enclausurados, eram obrigados a viver em condições precárias de: superpopulação; fome; falta de higiene e medicamentos básicos. A precariedade nas questões de saúde e saneamento acabava provocando epidemias. Essas duras condições de vida e o trabalho forçado os enfraqueciam mais ainda. Essas condições desumanas de sobrevivência os obrigavam a apelar para a marginalidade, mergulhando ainda mais nas condições de vida à margem da nova sociedade. No Gueto de Varsóvia (o maior dos guetos), aproximadamente 85.000 judeus morreram em decorrência dessas condições desumanas em que sobreviviam e resistiam.

Imagem 3: Mapa do Gueto de Varsóvia. Fonte: Berg, 2010, p. 35.

¹⁰ *United States Holocaust Memorial Museum* - Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/life-in-the-ghettos>



Destacamos o Gueto de Varsóvia, o qual foi criado em 1940. Foram implantados, pelos alemães, 1.000 guetos na Polônia e na União Soviética. A duração desses guetos variava: alguns duraram dias; outros, meses e o Gueto de Varsóvia foi criado em 1940, sendo o maior de todos os guetos, comportando mais de 400.000 judeus em uma pequena área de 3.3 quilômetros quadrados. A História nos mostra que Varsóvia, antes da Segunda Guerra Mundial, era o centro da cultura e vida judaica na Polônia, com uma população israelita de mais de 350.000, a maior na Europa.

Entretanto, como analistas de discurso, não nos detemos apenas aos dados apresentados pela História sobre os acontecimentos históricos, como datas e dados quantitativos, mas sim sobre a historicidade que os perpassa. Nessa perspectiva, Segundo Orlandi (2020, p. 57), detemo-nos sobre a “história do sujeito e do sentido”, os quais são inseparáveis, pois “ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido. É esta a dimensão histórica do sujeito”. A cidade de Varsóvia caiu sob a dominação alemã no final de setembro de 1939 e em 1940 os judeus foram colocados em um gueto com tamanho de apenas 2,4% da área total da cidade. Judeus de áreas próximas à

Varsóvia também foram deportados para o gueto. A área do gueto era cercada por um muro de 3 metros de altura e vigiado constantemente por guardas armados. O gueto de Varsóvia foi arrasado em 1943 após os judeus se rebelarem contra seus opressores. Foi nesse gueto, que os sujeitos registraram e arquivaram seus testemunhos sobre a vida na clausura, a sobrevivência e a resistência dos judeus de Varsóvia.

Os judeus levados e obrigados a viver nos guetos, como forma de imposição exercida pelos alemães, registraram através de sua rotina no enclausuramento, a rotina das atrocidades que testemunharam, e “mesmo em condições terríveis [...] as pessoas começaram a escrever, a testemunhar, [...] em pleno extermínio diário” (Robin, 2016, p. 239) e isso mostra a resistência, entendendo que o escrever vai contribuir para que o tempo presente, vivido no gueto, quando fosse passado e pudesse funcionar como como escritos que “testemunham o esplendor e a fragilidade e da existência e do esforço de dizê-la” (Gagnebin, 2006, p.11). O extermínio dos judeus que almejava a sua aniquilação total foi sistemático, composto por várias ações que faziam parte do plano de “perseguição nazista aos judeus” (Rees, 2018, p. 125).

Essas várias práticas dos nazistas e de seus apoiadores foram responsáveis por submeter o povo judeu a condições degradantes de subsistência, como o trabalho forçado e exaustivo, a fome, à superlotação nos guetos e às epidemias devido às condições sanitárias precárias. O registro foi feito por aqueles que viveram a degradação a que foram submetidos, resistindo ao esquecimento e ao apagamento da história “oficial”, pois a intenção nazista era a de encobrir quaisquer possíveis vestígios, até mesmo os códigos usados por eles. “Inclusive a expressão ‘Solução final’ era um código para qualificar a política de extermínio” (Milgram; Rozett, 2012, p. 41).

Todas essas condições não poupavam nem mesmo a vida das crianças. Aliás, os arquivos idealizados por Emanuel Ringelblum, que nos são apresentados por Kassow (2009, p. 319-320), destacavam a agonia da vida das crianças – um dos aspectos mais terríveis da vida no gueto. O drama das crianças órfãs no gueto despertou a atenção “de todas as instituições judaicas” e até mesmo da polícia judaica. A soma dessas forças para ajudar as crianças gerou vários centros infantis que “forneciam refeições às crianças”. Foram montados orfanatos, refeitórios e centros infantis para suprir a demanda e prestar assistência às crianças. Uma grande campanha de arrecadação, chamada “Mês da criança”, foi realizada envolvendo artistas de renome, foram realizados também recitais e apresentações de crianças de várias

instituições”. Esse aspecto da vida no gueto é trazido aqui em nossa análise através de uma SD extraída da obra de Kassow, a qual definimos como SD1:

SD1 – Ringelblum escreveu sobre os meninos mendigos que desobedeciam ao toque de recolher e gritavam nos pátios pedindo aos moradores que lhes atirassem um naco de pão: ‘No silêncio, os gritos de pequeno mendigo com fome parecem estilhaçar o ar e, por mais que você tenha se empedernido, no fim você joga um pedaço de pão. [...]. É comum que crianças mendigas morram de fome na calçada. Acabei de saber de uma cena terrível [...] onde um mendigo de seis anos de idade agonizou a noite toda, sem conseguir nem se arrastar para pegar um pedaço de pão que lhe tinham atirado da sacada’. A quantidade de crianças era inacreditável. Das 100 mil crianças com menos de catorze anos no gueto, 80% precisavam de ajuda. Muitas eram órfãs, pois os pais tinham morrido de fome (Kassow, 2009, p. 320).

A SD1 nos mostra como as condições de vida no gueto eram extremamente precárias. Resistir não era tarefa fácil, ainda mais para as crianças que dependem dos pais, ou de outros familiares, para lhe darem apoio e suporte em relação às suas necessidades básicas, que incluem ter o que comer para saciar a fome. Porém, para as crianças de rua presentes no Gueto de Varsóvia, que já haviam perdido seus pais para a fome, o que restava era a assistência e atenção dos outros aprisionados no gueto e das instituições que ainda existiam (e resistiam) no gueto.

O discurso presente nos arquivos de Ringelblum é o discurso testemunhal, o qual se concretiza primeiramente para relatar a experiência diária dos habitantes do gueto, o testemunho de uma experiência traumática, do evento histórico que marcou a memória de um grupo social que foi submetido a uma tentativa de extermínio por ações nazistas. Trazemos o discurso testemunhal e o analisamos a partir de nossa filiação com a Análise de Discurso (AD); voltamo-nos, assim, a partir da AD, para a história, para a historicidade do Holocausto (ou *Shoá*, em hebraico). Sendo o discurso a palavra em movimento, a observação e análise do homem falando (falando de sua realidade social), no discurso testemunhal sobre o Holocausto o que observamos é o homem, o sujeito judeu falando – enquanto enclausurado e oprimido pelos nazistas e seus apoiadores – falando da realidade dolorosa e precária de vida no Gueto de Varsóvia.

Como define Orlandi (2015, p. 67), o texto é texto porque significa, e como unidade de análise só pode sê-lo porque representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso. Dessa forma, para a AD, o que interessa, no discurso não é a sua organização linguística, mas como ele “organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo”, sendo linguístico-histórica a sua unidade de natureza.

O discurso, definido por Pêcheux (2019, p. 39) como “um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B”, se inscreve na história por sua historicidade e é da ordem sógnica. As obras que fazem parte de nosso arquivo abordam o Gueto de Varsóvia, sua historicidade e a relação dos sujeitos com o mundo do enclausuramento em que viviam. O Gueto de Varsóvia (assim como outros guetos e campos de concentração) era como um mundo à parte, com sua própria organização e suas próprias regras. A sobrevivência veio a ser a principal finalidade nesse ambiente; mas, nem clausura foi capaz de fazer com que os judeus abandonassem sua cultura e deixassem a união que a comunidade precisava para resistir de lado e muito menos de documentar sua realidade no gueto. O ato de escrever e documentar sua história e a de seus pares faz parte da história do homem e de sua realidade. Organizações como a do *Oyneg Shabes*, idealizada por Ringelblum, documentaram os vários aspectos da vida no gueto, os enclausurados e perseguidos passaram a registrar o cotidiano da vida e da resistência ao extermínio.

2.2 A vida na clausura e a organização coletiva do *Oyneg Shabes*

A história nos mostra o quanto o Holocausto marcou a memória de um grupo social como os judeus, um povo que sofreu a perseguição e a tentativa de extermínio total por parte de seus opressores. Os testemunhos e registros sobre o genocídio são fundamentais para compreendermos tal acontecimento histórico. Para tanto, podemos pensar na relação da língua com a história, relação intrínseca ao trabalho do analista de discurso. Essa relação da língua com a história é concretizada no discurso do sujeito, produzindo efeitos de sentidos.

Destacamos aqui um grupo dentre os tantos que se organizaram e resistiram ao extermínio, o *Oyneg Shabes*. A vida no gueto fez com que Emanuel Ringelblum, historiador, percebesse a necessidade de não apenas registrar os aspectos de vida no gueto, mas, também, a maneira como a organização social no enclausuramento era essencial para manter a comunidade judaica resistente à opressão nazista.

Imagem 4: Ringelblum, sua esposa e o filho do casal, o bebê Uri. Fonte: Kassow (2009, p. 321).



O ato de resistir implica a formação e a organização coletiva, principalmente em meio ao caos da guerra, seja qual for a prática de resistência. Ringelblum sabia da importância de uma organização social, da importância de um empreendimento coletivo, um empenho coletivo que, como enfatiza Georges Didi-Huberman (2023, p. 26) em outra de nossas SDs, foi tanto um ato de resistência quanto político, uma decisão política cuja constituição de um corpus

SD2 – [...] de testemunhos destinados a prestar queixa ao tribunal da história. Essa decisão, é claro, só podia ser coletiva, assim como clandestina. Ela supunha a reunião de um grupo de ‘camaradas’ que trabalharam intensamente nesta extraordinária coleta, da qual 35.369 páginas foram encontradas após a guerra. Esse grupo se reunia em segredo todo sábado, donde o nome – irônico, pois tratava-se de uma reunião de trabalho – de *Oyneg Shabes*, que significa em ídiche ‘a alegria do shabat’ (*Oneg Shabat*, em hebraico) (Didi-Huberman, 2023, p. 26).

A resistência à opressão e ao genocídio é possível graças à união da força de um grupo social. O sacrifício da irmandade liderada por Ringelblum fez com que não apenas o arquivo fosse produzido, mas, que, dentro de suas possibilidades (devido à escassez de recursos), o testemunho dos aspectos de vida no gueto fosse preservado. A dedicação com o projeto e a preocupação com a sociedade judaica fez com que o *Oyneg Shabes* lutasse para que seu trabalho com o arquivo fosse preservado, a resistência em manter toda a documentação da vida no gueto de Varsóvia foi um dos maiores atos de resistência coletiva na clausura.

Imagem 5: A escavação para encontrar os arquivos do Oyneg Shabes. Fonte: Kassow (2009).



Pensar no arquivo é pensar em vários aspectos envolvidos em sua organização, uma organização, como apontamos acima, coletiva, fruto de um trabalho social, de uma organização em um campo social específico. No arquivo Ringelblum, as datas têm sua importância na ordem dos acontecimentos, porém, o que mais nos interessa é a historicidade dos fatos. Tendo em vista que arquivo não é apenas um simples documento do qual são retirados os referentes, nós, como analistas de discurso podemos lê-lo e interpretá-lo através de nosso dispositivo analítico.

O arquivo referente à temática do Holocausto é vasto; sendo, assim, necessário um recorte e uma análise que se atente aos princípios da AD na leitura do arquivo. Seu regime de funcionamento é opaco, ou seja, seus sentidos – ou melhor dizendo, seus efeitos de sentido não são evidentes. Os efeitos de sentido não são evidentes e nem estanques, podem variar e produzir feitos de sentidos outros; mas, não qualquer outro, pois a interpretação precisa ser feita através de uma análise fundamentada, essa importância de um dispositivo analítico.

Como afirma Orlandi (2015, p. 25), o dispositivo analítico é construído pelo analista a cada análise, isso a partir da questão de pesquisa a qual irá nortear a pesquisa e a noções que serão mobilizadas¹¹. Essa questão de pesquisa determina também o recorte realizado no arquivo, o principal arquivo sobre o qual nos debruçamos é o Arquivo de Ringelblum, produzido pelos integrantes do *Oyneg Shabes*. Esse arquivo representa a materialidade e a diversidade organizada por determinado campo social – o dos judeus enclausurados no gueto de Varsóvia.

¹¹ Conforme destacamos no capítulo 1, quando abordamos as questões metodológicas.

A organização coletiva idealizada por Ringelblum no gueto, essencial e necessária para que se efetivasse o *Oyneg Shabes*, contou também com ajuda e colaboração das outras organizações e grupos sociais que já haviam em Varsóvia, como os comitês de casas e o *Aleynhilf* (ou Sociedade de Auxílio Mútuo judaica). Outro aspecto fundamental para a organização do *Oyneg Shabes* e a documentação realizada sobre a vida no gueto foi a carreira de Ringelblum. A qual teve grande influência, pois, como Kassow (2009) argumenta na SD3:

SD3 – Se Ringelblum tivesse sido apenas um historiador e professor de colégio, é de se duvidar que conseguisse ter organizado o Arquivo Oyneg Shabes. Para fazer o trabalho de arquivo, ele precisava de uma posição que lhe desse certo grau de poder e prestígio. Quando começou a guerra, seu alto cargo no *Aleynhilf*, a principal organização de assistência judaica de Varsóvia, foi o que lhe deu esse acesso às pessoas e às informações. Segundo o escritor hebraico Natan Eck, que trabalhou com Ringelblum no *Aleynhilf*, ele atribuía maior importância a seu trabalho de assistência que a qualquer outra coisa que houvesse feito antes (2009, p. 122).

Como ressalta Kassow (2009, p. 123), a preocupação com a comunidade judaica e com a prestação de assistência aos que necessitavam foi crucial para a decisão de Ringelblum em permanecer em Varsóvia quando a Alemanha invadiu a Polônia, em setembro de 1939. Enquanto parte da elite cultural e política judaica tentava fugir para o leste, Emanuel Ringelblum decidiu resistir. Se todos fugissem quem prestaria assistência à comunidade?

Uma experiência em particular foi decisiva para a decisão de Ringelblum. No ano de 1938, ano anterior ao início da guerra, Ringelblum foi enviado para Zbąszyń, uma cidade fronteiriça, para prestar assistência aos milhares de judeus poloneses que haviam sido expulsos da Alemanha pelos nazistas. Essa experiência, como enfatiza Kassow (2009, p. 123), permitiu a Ringelblum o contato direto com os efeitos da barbárie nazista e também fez com que “sua imensa capacidade de detectar problemas e organizar soluções” fosse demonstrada.

Como Didi-Huberman (2023, p. 25) destaca em nossa SD4:

SD4 – Quando o cerco [...] se fechou em torno da população judia de Varsóvia, Emanuel Ringelblum tomou três principais decisões. A primeira foi a de *permanecer*. Não abandonar o navio. Saber que passaremos fome com os outros, que arriscaremos as nossas vidas – e a de nossas famílias – a cada batida, a cada intervenção da SS, em resumo, a cada esquina e a cada instante desse tempo fechado. A segunda decisão foi a de *ajudar*: agir com os outros pelos outros, por essa comunidade cada vez mais impiedosamente ameaçada. [...]. A terceira decisão foi, então, a de *escrever*. Contar, descrever, recopiar, coletar, recortar. Acumular documentos, todos os documentos possíveis: manuscritos, textos datilografados, policopiados ou impressos (Didi-Huberman, 2023, p. 25-26).

As três decisões de Ringelblum para com a comunidade judaica foram ações que remetem à resistência. Permanecer enquanto muitos que possuem condições e *status* preferem desistir e optar pela resistência, pela resistência junto às massas judaicas. Sem dúvida, a experiência traumática de Emanuel Ringelblum fez com que sua decisão de ficar ao lado da comunidade judaica e assegurar assistência aos que necessitavam (e necessitariam) fosse tomada com mais certeza. Conforme a invasão nazista ao território Polonês se expandia, a perseguição aos judeus se intensificava. O cerceamento e a clausura foram sendo realizados aos poucos. As ações nazistas foram graduais; a perseguição, restrição de direitos, a deportação, o aprisionamento e o extermínio em massa foram etapas dessas ações sistemáticas que visavam aniquilar os judeus.

A historicidade dá visibilidade aos gestos de resistência necessitam de uma organização social e a formação de um coletivo, de uma ação coletiva e organizada. A produção do arquivo, organizado pelos integrantes do *Oyneg Shabes*, necessitava de pesquisa e muitos colaboradores, isso sem falar no sigilo sob o qual deveriam trabalhar, sem poder discutir as tarefas para as quais eram designados. O compromisso exigia riscos por parte de seus integrantes. Como tempo, Ringelblum conseguiu reunir, como destacamos com a SD5,

SD5 – [...] homens e mulheres provenientes de um amplo espectro do judaísmo polonês anterior à guerra: empresários ricos e artesãos pobres, rabinos e comunistas, idichistas e intelectuais da língua polonesa, professores e jornalistas, economistas e dirigentes de grupos de juventude. Alguns faziam parte de um pequeno comitê executivo, um núcleo interno que arrecadava fundos, decidia os rumos da ação e decidia o que estudar e o que compilar. Um grupo mais amplo contribuía com ensaios e relatórios encomendados pelo arquivo. Este grupo incluía desde colaboradores constantes até pessoas que forneciam um ou dois ensaios ou depoimentos. [...]. É difícil estabelecer números exatos, mas foram cerca de cinquenta a sessenta pessoas (incluindo os copistas e transcritores) que se envolveram de alguma maneira com o arquivo, desde o início em 1940 até o levante do gueto em 1943 (Kassow, 2009, p. 187).

A carreira de Ringelblum fez com que tivesse contato com um variado grupo de sujeitos, dos mais proeminentes a trabalhadores comuns. Essa heterogeneidade do grupo possibilitou diferentes visões sobre o mundo no qual estavam, sobre a realidade de Varsóvia após o início da guerra e após a formação do gueto. Precisamos compreender como as condições sócio-históricas são determinantes para essa organização coletiva, já que sua idealização e formação foi devido à perseguição e enclausuramento dos judeus no gueto, sendo agora o lugar da comunidade judaica de Varsóvia viveria. Essa clausura foi submetida

pelas forças nazistas, funcionando nessas condições de produção como força repressiva no gueto.

A formação de uma organização social como a idealizada por Ringelblum requer a realização de práticas que estão ligadas a uma ideologia e a ideologia aqui compreendida de acordo com o que nos diz Pêcheux (2014, p. 130), de que as ideologias não são feitas de ‘ideais’, mas de práticas. Dito isso, é lógico pensarmos na heterogeneidade de pessoas que o grupo possuía várias pessoas; porém, havia uma homogeneidade no que diz respeito a identificação entre os integrantes do *Oyneg Shabes* com as práticas da resistência judaica. Essas práticas dos sujeitos que participam da formação de um grupo cujas práticas estão voltadas para a consciência social de revolta contra o aprisionamento no Gueto de Varsóvia.

A partir disso, chamamos a atenção para as análises sobre como a ideologia é exercida pelos nazistas (e seus apoiadores). Mobilizamos conceitos presentes na obra *Semântica e Discurso*, de Pêcheux, analisando assim os aspectos da vida e da resistência da comunidade judaica do gueto. A opressão sobre os judeus no Gueto de Varsóvia foi exercida pelos nazistas e seus apoiadores. Essa opressão consistiu num conjunto de práticas da ideologia nazista e opressora, sendo essa também a ideologia da classe dominante, já que ela é praticada por aqueles que detêm e exercem o poder sobre a classe dominada (os judeus de Varsóvia). A ideologia da classe dominante, como nos aponta Pêcheux (2014, p. 131), é realizada por meio dos aparelhos ideológicos de Estado (AIE).

2.3 – A comunidade judaica do Gueto e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)

O gueto de Varsóvia é lugar no qual foi colocada a comunidade judaica de Varsóvia, sob clausura e isolamento. Tal isolamento apresentou condições mais precárias de subsistência para os cativos que ali passaram a sobreviver e subsistir. A fome e a miséria estavam presentes nesse lugar no qual foram obrigados a viver. As práticas das forças nazistas (e seus colaboradores) instaurou a necessidade de uma (*re*)organização da comunidade judaica de Varsóvia. Essa nova forma de organização social em um gueto fez com se instaurasse uma nova formação ideológica, compreendida aqui a partir de Pêcheux (2014, p. 132), como “regiões” que comportam posições de classe, sendo assim, os ‘objetos’ ideológicos são fornecidos simultaneamente a maneira de servir deles, ou seja, os interesses da classe a que servem. Dessa forma, não há na luta ideológica, ‘posições de classe’ que existam de forma abstrata e que sejam aplicadas aos diferentes “‘objetos’ ideológicos das

situações concretas, na Escola, na Família etc”. Ocorre assim, o desmembramento em regiões (Deus, a Moral, a Leis, a Justiça, a Família, o Saber etc).

A comunidade judaica ao ser instaurada no Gueto de Varsóvia fez com que fosse necessária a organização social dos judeus. Determinados órgãos foram essenciais para a manutenção (ou pelo menos a tentativa) do espírito social e coletivo. A união e a ajuda aos próximos se tornaria mais necessárias para a sobrevivência no gueto. Tendo isso em vista e sabendo que as ideologias são feitas de práticas, destacamos aqui para fins de análise, a comunidade judaica de Varsóvia como uma formação ideológica na qual várias práticas e dizeres são (re)produzidos. Assim, destacamos o que Pêcheux chamou de *formação discursiva* (FD), ou seja,

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: [...] ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes (2014, p. 147).

As ideologias, como conjunto de práticas, se concretizam através da luta de classes; sendo aqui os judeus perseguidos de um lado e de outro os nazistas e seus apoiadores. Dessa forma, temos duas FD que se opõem: a opressora e a oprimida. Assim, seria lógico pensar na produção de uma relação de dominação-subordinação. Porém, a comunidade judaica contava com vários sujeitos, grupos e organizações cujas práticas produzem efeitos de resistência. Pensando nas FD opostas, mais especificamente na formação discursiva opressora, garante seu poder e dominação sobre os sujeitos judeus através do auxílio da polícia judaica, que ajudava a manter as ordens dos alemães e dos conselhos judaicos no interior do gueto, funcionando como aparelhos (repressivos) de Estado, e auxiliando a manter a relação de opressão no gueto.

De acordo com Althusser (2022, p. 81), o aparelho repressivo de Estado possui como função garantir pela força (física ou não) “as condições políticas da reprodução das relações de produção, que são em última instância, relações de exploração”. As dinastias políticas existentes no Estado capitalista e as forças militares também contribuem para essa reprodução. Sobretudo, “o aparelho de Estado assegura pela repressão (da força física mais

brutal às simples ordens e proibições administrativas, à censura explícita ou implícita etc.) as condições políticas do exercício dos aparelhos ideológicos de Estado.

Althusser (2022, p. 75) ressalta ainda que, “na teoria marxista, o aparelho de Estado (AE) compreende o governo, a *administração*, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc”. Ser repressivo indica que ‘funciona através da violência’, ao menos em situações limite, pois a repressão pode apresentar-se de forma revestida, como a repressão administrativa.

Com isso, podemos observar a maneira como a repressão se apresenta de variadas formas – assim como a resistência, a repressão pode ser heterogênea em relação as suas manifestações. A repressão exercida pela ideologia nazista foi realizada através da restrição de direitos dos judeus e de subsistência, da perseguição, da deportação, da clausura, da violência física etc. A repressão exercida sobre os judeus (e outros grupos perseguidos) pela ideologia nazista os submeteu à vida no gueto; a vida na clausura, onde o resistir era diário, onde a luta para sobreviver à escassez de qualidade de vida era imperativa. A ideologia da repressão no gueto de Varsóvia fez instaurar a ideologia onde o resistir à opressão era tudo o que importava; a ideologia onde o contrabando de comida, o ensinar em segredo, o testemunhar sobre a vida e cotidiano no gueto e garantir que sua história e sua vida seriam lembradas eram formas de resistir ao extermínio sistemático e diário.

Damos visibilidade em nossa análise para a organização idealizada por Ringelblum, *Oyneg Shabes* surge assim, tendo o gueto de Varsóvia como lugar de aprisionamento e isolamento social, uma ação coletiva de revolta sob a ideologia de revolta e resistência. Dessa forma, essa organização social que visava o estudo e registro do cotidiano na clausura se desenvolveu em meio ao extermínio, nem sempre através da violência física diretamente infligida; mas, muitas vezes através da restrição de remédios e de alimentos, através das condições precárias de saneamento. Assim, nessas condições de produção, essa organização social mantinha o registro do cotidiano dos judeus no gueto e também sobre a luta de manter vivo o judaísmo polonês.

As condições de produção do discurso testemunhal devem ser pensadas como

o lugar das determinações propriamente históricas do discurso (os estado das contradições de classe em uma conjuntura determinada, a existência de relações de lugar a partir das quais o discurso é considerado, no centro de um aparelho, o que remete a situações de classe) que ameaça continuamente transformar essas determinações em simples circunstâncias em que interajam os ‘sujeitos do discurso’, o que equivale também a situar no ‘sujeito do discurso’ a fonte de relações de que ele é apenas o portador ou o efeito (Courtine, 2022, p. 51-52).

As condições de produção aqui existentes devem ser pensadas e analisadas no sentido estrito (no contexto imediato em relação à formação do gueto) e no sentido amplo (no sentido de toda a perseguição aos judeus). Representando uma exterioridade que sustenta o dizer e constrói as relações de sentido a cada tomada de palavra, produzindo o discurso, o sujeito produz os efeitos de sentido e neles é possível ver as relações de força, de desigualdade-subordinação, produto da luta de classes, que vigora mesmo durante a catástrofe. É através desse funcionamento da linguagem, dessa relação, desse vínculo com a história, presente nas condições de produção do gueto, que damos visibilidades aos efeitos de sentido da opressão sofrida e exercida por ideias de uma supremacia racial, a qual busca sublevar os perseguidos e os desumanizar e os explorar, legitimando a maneira como as relações de força em jogo se manifestam; em sentido amplo, a perseguição e o ódio antijudaico antecedem a ideologia nazista, mas se mostram mais uma vez presentes na história.

A criação dos guetos pela Alemanha nazista retoma a criação do gueto de Veneza no qual os judeus foram segregados; a criação desses novos guetos na Segunda Guerra Mundial buscou se legitimar através do discurso e ideologia de que a “superioridade racial alemã” – a “raça ariana¹²” – estava sob ameaça dos judeus, pondo em prática a perseguição, espoliação, segregação, exploração e o assassinato em massa. Assim, os efeitos de sentido são produto de condições sociais e ideológicas específicas e anteriores, não sendo eles, portanto, restritos à situação concreta e imediata da produção discursiva a qual está diretamente ligada a FD pela qual o sujeito do discurso é interpelado.

Quando analisamos os sujeitos que estavam enclausurados no gueto, mas ainda mantinham seu desejo de luta e perseverança, analisamos a FD da resistência, a formação discursiva dos segregados, da comunidade judaica colocada sob vigilância e opressão nazista. Entretanto, os judeus enfrentavam várias dificuldades ao tentar manter minimamente que fosse, a vida em comunidade. No gueto, havia o descaso e o tratamento desigual entre os judeus pobres e os mais abastados. Ainda havia uma desigualdade social e um tratamento desigual em meio à sobrevivência no gueto. Essas condições de sobrevivência, sob as quais

¹² A palavra “ariano” tem uma longa história. Inicialmente, era usada para se referir a grupos de pessoas que falavam uma variedade de línguas relacionadas, incluindo a maioria das línguas europeias e muitas línguas asiáticas. Com o tempo, porém, a palavra adquiriu significados novos e diferentes. No final do século XIX e início do século XX, alguns intelectuais e outros transformaram os arianos em uma “raça” mítica que eles afirmavam ser superior a outras raças. Na Alemanha, os nazistas promoveram essa falsa noção que glorificava o povo alemão como membro da “raça ariana”, enquanto difamava judeus e negros, além de roma e sinti (ciganos) como “não arianos” (Fonte: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/aryan-1>).

estavam submetidos no gueto, fazia dos judeus pobres os mais vulneráveis e suscetíveis a determinadas formas de exploração e descaso.

Peretz Opoczynski, o carteiro do gueto como era conhecido, foi um dos escritores que colaboravam com o *Oyneg Shabes* cuja função social e ofício no interior do gueto como carteiro o permitiu um contato mais próximo com os habitantes do gueto. As reportagens escritas por Opoczynski traziam essa realidade dura da vida no gueto, sob o olhar de alguém que compreendia essa nova realidade, que compreendia essa luta diária pela sobrevivência, com o destaca a próxima SD:

SD6 – Sem glorificar os habitantes do gueto, Opoczynski descrevia seu humor ríspido e a terrível luta para sobreviver – e para manter um mínimo de solidariedade social. [...] Opoczynski lembrava e registrava as conversas entre mães e filhos; a gíria dos contrabandistas; as súplicas dos jovens mendigos nas ruas; as pequenas brigas entre as donas de casa; o mau humor na longa fila de espera para a *parówka*¹³. Sem o menor esforço para ocultar os defeitos ou embelezar as virtudes, Opoczynski deixava claro que era entre essas pessoas que se sentia à vontade: *folksmenshn*, os judeus comuns. Ele entendia a importância do microcosmo social do gueto: os pátios, os comitês de casas que haviam se convertido na arena de uma batalha desesperada que os judeus estavam travando não só pela sobrevivência física, mas também pela dignidade para ter um arrimo em meio ao caos cada vez maior. Escrevendo sem saber qual seria o final daquilo tudo, Opoczynski transmitia a percepção e a reação dos judeus diante dos acontecimentos que se sucediam. Calado e discreto, ele conseguia ganhar a confiança das pessoas [...]; assim, elas permitiam que ele observasse suas vidas e relatasse o que faziam para sobreviver no gueto (Kassow, 2009, p. 236).

Opoczynski relatava a realidade das pessoas comuns do gueto, a miséria a qual estavam submetidos era ainda mais severa para as pessoas pobres. A luta para sobrevivência era um jogo desigual onde os mais desamparados sofreriam com mais intensidade. Opoczynski – um sujeito interpelado pela ideologia da resistência e pela mesma FD com na qual se inscreviam os outros membros do *Oyneg Shabes* – escrevia sobre a realidade dessas pessoas com quem se sentia à vontade, os judeus comuns viviam num mundo à parte no gueto, onde o desespero fazia parte do cotidiano, onde a luta por uma vida digna dentro das condições de vida e sobrevivência era uma resistência diária. Esse sujeito se identificava com esses outros sujeitos, sujeitos colocados ainda mais à margem no gueto.

A ideologia, como um conjunto de práticas, é manifestada através de vários gestos e dizeres, principalmente através dos gestos e práticas sociais e se é a ideologia – como nos

¹³ Parówka é uma linguagem polonesa muito comum no país.

mostra Pêcheux (2014, p. 146) – que designa *o que é o que deve ser*. A “ideologia fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’”; e em uma comunidade judaica no contexto da guerra, da segregação, da opressão, a solidariedade e o apoio mútuo deveriam ser da ordem do *todo mundo sabe*, porém, *nem todo mundo pratica*. A solidariedade já não era como fora na vida antes do gueto, a comunidade judaica se mostrava inerte em relação a alguns aspectos, como as crianças mendigas, uma prova de que em tempos de calamidade os que não tem ninguém em quem se apoiar são deixados mais à margem que os outros habitantes do gueto no qual se encontram. A miséria e o sofrimento atingem as pessoas de maneiras distintas, ainda mais se o espírito de comunidade e união for atingido, restando apenas um simulacro, uma simulação do esperado da moralidade e da solidariedade de uma comunidade.

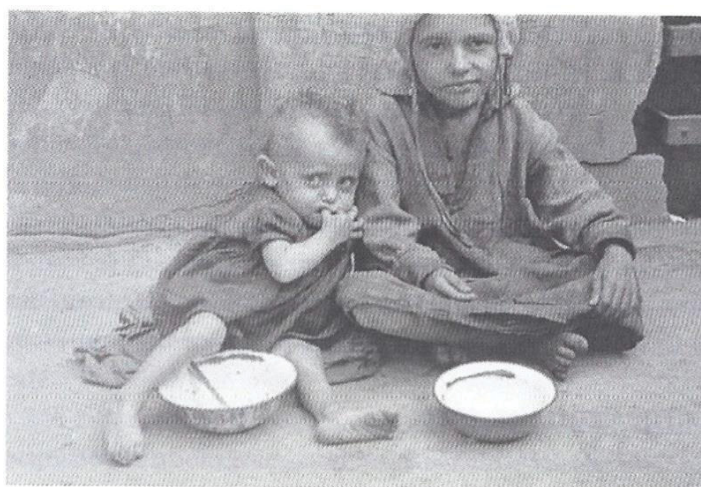
A luta de classes estava presente em vários aspectos da vida no gueto de Varsóvia e Kassow (2009, p. 237) argumenta como Opoczynski abordou essas questões em suas reportagens que revelaram uma deterioração “da vida no gueto, [...] a luta pela sobrevivência se tornava dia a dia mais difícil”. Em seus textos, Opoczynski, apresentou uma mudança de tons: mantinha o tom de antes quando retratava as pessoas comuns do gueto e seu cotidiano, tratando as com admiração e simpatia; mas, ao tratar da coletividade esperada do judaísmo de Varsóvia, se tornava mais indignado e crítico. Em um de seus textos, “Crianças na calçada”, escrito em 1941, escreveu sobre como em circunstâncias normais as pessoas se aproximavam das crianças com um instinto de amor e proteção, trazemos aqui a indignação de Opoczynski através de outra SD:

SD7 – Em qualquer comunidade normal, a preservação das crianças era prioridade máxima. Agora, no Gueto de Varsóvia, era a criança judia que estava arcando com a pior parte do sofrimento. [...] Opoczynski despejou sua indignação contra seus colegas judeus por permitir que crianças judias dormissem nas ruas, morressem de fome e se degenerassem em mendigos decrepitos. Como Ringelblum, ele era especialmente implacável com o *Judenrat* e a **polícia judaica** por enviar apenas os judeus pobres aos campos de trabalho, política que expunha os filhos dos pobres a provações fora do comum. O drama da criança judia revelava a falência moral de grande parte da sociedade judaica. Sim, a responsabilidade final cabia aos alemães. Mas isso não era justificativa para os judeus que haviam perdido o sendo de comunidade e os sentimentos de mútua responsabilidade (Kassow, 2009, p. 238, grifo nosso).

O sofrimento dos sujeitos em estado de vulnerabilidade era responsabilidade de todos e de toda a comunidade judaica que sobrevivia no gueto. Em tempos de calamidade o tratamento para as pessoas é desigual, as pessoas comuns são atingidas de uma maneira distinta (mais severa) que as pessoas que estão em uma posição social de destaque. Uma posição social que proporciona privilégios em tempos comuns também irá proporcionar certas vantagens sociais em tempos de crise e calamidade. Os Aparelhos Ideológicos de Estado

(AIE) atuam de maneira parcial sobre o meio social mesmo em tempos de dificuldade; os AIE, que abrangem a administração (a cargo do *Judenrat*) e a **polícia judaica**, muitas vezes privilegiam indivíduos em posições sociais mais bem ocupadas em relação às pessoas comuns, isso se deve ao fato dos AIE funcionarem através da ideologia, mais precisamente, da ideologia da classe dominante, a classe burguesa; ou seja, a ideologia dominante, a ideologia opressora, faz com que suas práticas e seus discursos sejam garantidos pelos aparelhos (repressivos) no interior do Gueto de Varsóvia.

Imagem 6: crianças em uma calçada do Gueto de Varsóvia. Fonte: Berg (2010, p. 53).



Isso faz com que nos voltemos novamente para Althusser (2022, p. 74-75), quando discorreu sobre os AIE, ressaltando que não se confundem com o aparelho (repressivo) de Estado e que na teoria marxista (já que Althusser retoma o materialismo histórico), o aparelho de Estado compreende o governo, a *administração*, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc. Esses últimos constituem o aparelho repressivo de Estado, pois funcionam através da violência (nem sempre física). Em um primeiro momento, “podemos observar que se existe um aparelho (repressivo) de Estado, existe uma pluralidade de aparelhos ideológicos de Estado”. O aparelho (repressivo) de Estado pertence inteiramente ao domínio público, enquanto a maior parte dos aparelhos ideológicos de Estado pertence ao domínio privado. “As igrejas, os partidos, os sindicatos, as famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais as empresas culturais”.

Os AIE funcionam, como nos explica Althusser (2022, p. 76-77), predominantemente através da ideologia, a qual está unificada, “apesar da sua diversidade e contradições, sob a ideologia dominante, que é a ideologia da ‘classe dominante’”. A diferença essencial entre aparelho ideológico e aparelho repressivo é que: aparelho repressivo ‘funciona através da

violência'; enquanto o ideológico, 'funciona através da ideologia'. Porém, seja ele ideológico ou repressivo, 'funciona' tanto através da ideologia quanto da violência; mas com uma diferença: enquanto o aparelho repressivo funciona primeiramente através da violência e secundariamente através da ideologia, o aparelho ideológico funciona primeiramente através da ideologia e secundariamente através da violência.

Sendo o sujeito um indivíduo constituído pela ideologia, caba trazer para nossa análise as tomadas de posição sobre as quais Indursky (2008) discorreu, baseada em Pêcheux. Indursky (2008, p. 12) fala sobre a importância das modalidades da tomada de posição; e que a primeira delas remete ao que Pêcheux designou de superposição entre o sujeito do discurso e o sujeito universal da formação discursiva, essa superposição revela a identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD, a qual afeta o sujeito do discurso, isso caracteriza o chamado "discurso do bom sujeito", que reflete de maneira espontânea o Sujeito, revelando a "unicidade imaginária do sujeito". Pêcheux entende que esta, que parece reduplicar a identificação, é apenas a primeira das modalidades e, que quando ela ocorre, produz um "efeito-sujeito", onde o sujeito do discurso crê ser a origem do dizer, por isso a unicidade do sujeito é da ordem do imaginário.

Ainda segundo a autora (2008, p. 13), frente a este imaginário, Pêcheux formulou outras duas modalidades de tomada de posição: "a segunda modalidade que caracteriza o discurso do que Pêcheux caracterizou como sendo o mau sujeito". Essa modalidade ocorre quando o sujeito do discurso, através de uma tomada de posição, se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes da FD com a qual esse sujeito se identifica. Essa modalidade em um distanciamento, uma dúvida, um questionamento ou revolta no que diz respeito aos saberes da forma-sujeito, levando, assim o sujeito a contra-identificar-se com a forma-sujeito da FD que o afeta.

Ainda de acordo com Indursky (2008, p. 13-15), sendo a primeira das modalidades de identificação a qual revela a identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD (a do *bom sujeito*); a segunda modalidade de identificação (a qual coloca o sujeito do discurso na posição de *mau sujeito*) é aquela em que o sujeito se permite questionar, duvidar dos saberes e não simplesmente reduplicá-los, como ocorre na primeira, a *contra-identificação* evidencia que a forma-sujeito não é dotada de unicidade, permitindo que ocorram modos diferentes de identificação e subjetivação; e, ocorre ainda uma terceira modalidade de identificação acrescentada por Pêcheux, que funciona como um modo de *desidentificação*, isto é, "o sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e

sua respectiva forma-sujeito e passa a identificar-se com outra formação discursiva e sua forma-sujeito”. Entretanto, esta desidentificação não representa liberdade do sujeito do discurso, pois a ideologia não desaparece, ao contrário, funciona contra si mesma através do que Pêcheux chamou de ‘desarranjo-rearranjo’. “Desidentificar-se implica não mais estar identificado com uma determinada formação discursiva porque, de fato, este mesmo sujeito já identificou-se com uma outra formação discursiva”.

Indursky (2008, p. 21) ressalta que, ao ver dela, a desidentificação pode ocorrer de dois modos diferentes, o primeiro consiste na desidentificação de uma forma-sujeito e sua identificação com uma outra forma-sujeito já existente. Já o segundo modo apoia-se no que Pêcheux chamou de “acontecimento discursivo”, o qual se institui no exato momento em que há o rompimento do sujeito com determinado domínio de saber já instituído e com o qual identificava-se até então para identificar-se com um novo domínio de saber, o qual está em processo de constituição. O momento exato do surgimento de uma nova FD e de sua forma-sujeito no mesmo momento em que o acontecimento que lhe dá origem acontece, um *acontecimento discursivo*. “A captação deste momento de constituição de um novo domínio de saber [...] trata-se de uma movimentação, uma deriva muito intensa dos sentidos em decorrência da qual dá-se o surgimento de um novo domínio de saber”. Esse momento de ruptura marca o surgimento não só de uma nova FD, mas também de uma nova forma-sujeito.

Dessa forma, podemos analisar a maneira como a repressão no gueto que era garantida, sustentada, pelo órgão administrativo (o *Judenrat*) leva a questionamentos e revoltas em relação aos discursos e práticas discursivas do Conselho Judaico.

Sabemos que o Conselho foi formado a partir da de uma determinação das tropas alemãs, assim como também sabemos que os integrantes do Conselho, assim como os demais habitantes do gueto, também estavam sob a opressão e violência nazistas; porém, as práticas realizadas pelo Conselho e seus integrantes produz efeitos de sentido de repressão e descaso para com a comunidade judaica, principalmente no que diz respeito aos cuidados e preocupação com os mais suscetíveis às práticas de violência e opressão.

Assim, mesmo que os integrantes do *Judenrat* fossem judeus pertencentes a comunidade judaica, ainda estavam incumbidos de fazer com que as práticas da ideologia nazista fossem mantidas, e mesmo que tais ações ou concessões para evitar que a violência fosse ainda maior sobre a comunidade do gueto. Mas, isso não ameniza o descontentamento

de sujeitos da comunidade para com as práticas do Conselho Judaico ou com seu presidente Adam Czerniakow¹⁴.

Embora, o órgão administrativo composto por importantes personalidades da comunidade judaica local cujo objetivo *a priori* era o do “autogoverno judaico para se ocupar em proteger os interesses dos judeus e cuidar das necessidades comunitárias, destinava-se, na realidade, a ser um instrumento de controle alemão” (Gutman, 1995, p. 61). Fato é que as práticas discursivas do Conselho, que segundo Halioua (2024, p.78) levantavam queixas dos sujeitos comuns do gueto contra a corrupção por parte de alguns membros da instituição, já que alguns eram acusados de “aproveitar-se de sua função para enriquecer mediante a concessão de favores ou privilégios”. Halioua (2024, p. 79) aponta ainda para o fato de que Czerniakow era um grande defensor do *Judenrat*, mas que considerava a corrupção como inevitável, já a posição em que se encontravam, “entre o exigente martelo nazista e a bigorna judaica desorganizada”.

Trazendo essas queixas e descontentamentos para a AD, a partir de Pêcheux (2014, p. 150-), analisamos que queixas e descontentamentos, como *propriedades discursivas* dos sujeitos comuns perante as ações do *Judenrat* produzem efeitos de sentido pela identificação em relação à forma-sujeito dentro de uma FD que os domina e de descontentamento em relação à corrupção e descaso com a comunidade judaica, através da relação do sujeito com o sujeito universal (o Sujeito, com “s” maiúsculo) da Ideologia, no sentido de toda ideologia, evocada no pensamento do sujeito, através do “todo mundo sabe que...” – espaço ocupado pelo interdiscurso, ou seja, o espaço onde estão todos os saberes e no que diz respeito a uma FD, sendo o espaço onde estão todos os saberes dessa FD – e aqui podemos completar o “todo mundo sabe que...” da seguinte forma: “todo mundo sabe que as ações do *Judenrat* estão em desacordo com a comunidade judaica do Gueto de Varsóvia”.

O descontentamento dos sujeitos da comunidade judaica sustenta essa tomada de posição dos sujeitos não apenas pelas práticas do Conselho Judaico, mas também pelas práticas de outro aparelho de Estado, a polícia judaica. O presidente do *Judenrat*, Czerniakow, como destacamos em nossa próxima SD,

SD8 – [...] foi o encarregado de organizar um Departamento de Manutenção da Ordem Judeu [...]. Num primeiro momento, a polícia inspira respeito à

¹⁴ Adam Czerniakow “foi o líder do *Judenrat* em Varsóvia desde a fundação do mesmo até seu suicídio, em julho de 1942. Durante todo esse período, ele manteve escrupulosamente um diário, com anotações diárias detalhando seus esforços e as condições que tinha de enfrentar” (Gutman, 1995, p. 61).

população do gueto. [...]. No entanto, os policiais logo passam a exaltar os ânimos. A população tolera mal sua solicitude em aplicar as medidas impopulares do Judenrat, como a cobrança de impostos, a escolha de homens para o trabalho forçado e o confisco de bens (Halioua, 2024, 79-81).

A contra-identificação, como nos apresentou Indursky (2008, p. 13-15), sendo segunda das modalidades – ao contrário da primeira das modalidades que revela a identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD (a do bom sujeito) – (a qual coloca o sujeito do discurso na posição de mau sujeito) é aquela em que o sujeito se permite questionar, duvidar dos saberes e não simplesmente reduplicá-los, ao contrário de como ocorre na primeira, a contra-identificação evidencia que a forma-sujeito não é dotada de unicidade, permitindo que ocorram modos diferentes de identificação e subjetivação da comunidade judaica para com as práticas do *Judenrat*. A contra-identificação foi manifestada até mesmo em apresentações artísticas, como aponta Mary Berg (2010, p. 56), uma adolescente que sobrevivia no Gueto de Varsóvia, relata em seu diário, escrito durante seu período no gueto, o qual destacamos na SD9:

SD9 – O teatro Femina na rua Leszno faz muito sucesso. [...]. Recentemente, apresentou *Barão Kimmel*¹⁵ e um teatro de revista em que o lugar de honra foi dado a esquetes e canções sobre o Judenrat. Houve comentários satíricos mordazes dirigidos contra o ‘governo’ do gueto e seus ‘ministros’. Foram feitas muitas referências diretas a determinados cavalheiros burocratas da administração comunitária, mas, no geral, achei que a atitude do grupo foi exagerada e talvez até mesmo injusta, especialmente com relação ao presidente da comunidade, o engenheiro Czerniakow, cujo posto está longe de ser invejável.

O testemunho de Mary Berg, destacado através da SD9, produz efeitos de sentido de distanciamento e desacordo com as práticas realizadas como forma de crítica ao presidente do *Judenrat* com as críticas em forma de sátira. Em uma mesma FD é possível a identificação ou não com determinados dizeres ou práticas discursivas. A esse respeito, sobre o sujeito e seu desdobramento, mais especificamente os desdobramentos da forma-sujeito como Pêcheux (2014, p. 150-155) tratou. Assim, examinando os desdobramentos discursivos e o funcionamento da forma-sujeito do sujeito do discurso. Sabendo que o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina ideologicamente, sendo essa a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso com a formação discursiva que o domina. Dessa forma, ocorre a identificação do sujeito com determinada forma-sujeito da FD que o domina, tornando possível a presença dos traços discursivos retomando o interdiscurso e sendo

¹⁵ Opereta sobre Barão von Kimmel escrita por Walter Kollo.

reinscritos em seu próprio discurso. O assujeitamento dissimula no sujeito a aparência de uma autonomia e da origem de seu discurso através da estrutura discursiva da forma-sujeito que domina o sujeito e sob a qual o sujeito age e produz suas práticas discursivas. A identificação do sujeito ocorre simultaneamente consigo mesmo e com o outro, na formação discursiva que o constitui.

Ressaltamos aqui, mais uma vez, em nossa análise o embate entre FDs opostas: a FD nazista e opressora; e a FD dos judeus do gueto, a resistência perante a repressão. Essas FD's representam assujeitamentos e ideologias opostas; ideologias que representam no gueto as forças presentes na luta pela sobrevivência. Os judeus no gueto representam a FD da resistência, uma FD que se submete às determinações da FD opressora por não ter escolha e por buscar a sobrevivência acima de qualquer coisa, buscando resistir à morte. A essas questões, sobre as FDs e às modalidades de identificação e ao registro dos testemunhos daremos seguimento em nossos próximos capítulos.

3 – O REGISTRO HISTÓRICO COMO TESTEMUNHO DE RESISTÊNCIA

No primeiro ano de atividades, enquanto coletava material, o Oyneg Shabes discutiu diretrizes e prioridades. Ringelblum, de início, queria que o Oyneg Shabes reunisse o máximo possível de informações, sem se preocupar com pautas específicas ou hipóteses previamente estabelecidas. Para Ringelblum, a guerra estava transformando a sociedade [...] e os acontecimentos eram tão imprevistos que seria tolice tentar orientar a coleta de documentos segundo critérios pessoais de relevância ou procurar prever o que seria pertinente. [...]. Era mais importante que o arquivo criasse recursos e bases de dados para os historiadores do futuro (Kassow, 2009, p. 280).

Neste capítulo, vamos tratar do registro diário e cotidiano dos sujeitos enclausurados no Gueto de Varsóvia; assim, destacamos que os testemunhos foram produzidos de maneira individual e também coletiva. Como organização coletiva, ou individual, inscrevem-se em determinada formação ideológica e inscrita assim em determinada formação discursiva (FD). Ancorados, novamente, em Pêcheux, Orlandi, Robin etc, analisaremos a testemunha e seu testemunho de acordo com a FD de resistência. Nosso objetivo neste capítulo é o de analisar o embate entre as FD e o desdobramento de formas-sujeito presentes na luta de classes no interior do Gueto de Varsóvia, analisando os efeitos de sentido presentes no embate ideológico entre opressores e a resistência dos oprimidos, além de analisar a produção discursiva do testemunho como resistência ao silenciamento.

Ressaltamos aqui, mais uma vez, que nosso trabalho trata de um recorte acerca da temática e dos arquivos disponíveis sobre a *Shoá*; tratamos em nossa análise, especificamente, do Gueto de Varsóvia e de obras que tratam desta temática e deste gueto em específico, como o *Arquivo Ringelblum* e o *Diário de Mary Berg*. Entretanto, o genocídio estava sendo cometido em outros lugares da Europa ocupada, as vítimas testemunhavam e resistiam em outros guetos e campos de concentração, em todo lugar onde isso era possível. O testemunhar fazia parte das ações de resistência e da luta contra o extermínio.

Emanuel Ringelblum ao organizar o *Oyneg Shabes* sabia da importância de se construir um registro histórico sobre o que os nazistas estavam fazendo com os judeus no Gueto de Varsóvia. O testemunho e o registro do cotidiano e dos mais variados aspectos da

vida e sobrevivência no gueto foram documentados pelos integrantes da organização idealizada por Ringelblum. Seu idealizador percebeu que a necessidade de contar às gerações futuras sobre as atrocidades também necessitava de certa meticulosidade em relação às provas para que os registros fizessem seus leitores encararem a verdade atroz sobre as ações nazistas. Enquanto os nazistas acreditavam que o mundo não saberia de seus crimes, “Ringelblum [...] não tinha dúvidas de que o mundo acreditaria no que acontecera – desde que dispusesse das provas adequadas. Ele pretendia reunir uma documentação de tal [...] extensão que obrigaria as ‘gerações futuras’ a encarar a verdade” (Kassow, 2009, p. 262).

Como enfatiza Robin (2016), cabe lembrar que o extermínio orquestrado por Hitler não deveria deixar rastro algum. “Não deveria sobrar nada do povo judeu, [...], nem mesmo o registro civil das vítimas, nada da língua, nada da cultura das populações aniquiladas” (p. 218). No entanto, ao mesmo tempo em que “os nazistas pretendiam fazer um ‘acontecimento sem testemunha’”, havia aqueles que estavam escrevendo, “em toda parte as pessoas começaram a escrever, a testemunhar, [...], em pleno extermínio” (p. 238).

O *Oyneg Shabes* surge em meio a esse extermínio, sendo o maior arquivo secreto produzido na Polônia, mas não o único; como apontado acima, em todos onde fora possível as pessoas estavam relatando, testemunhando, escrevendo sobre o genocídio. O testemunho e registro em segredo fazia parte do cotidiano àquela altura. Muitos registros, arquivos testemunhos que foram produzidos durante a guerra foram encontrados após seu fim, assim como muitos sobreviventes compartilharam posteriormente seu testemunho com o restante do mundo. Mostrar a todos o que tinha visto e vivido foi o objetivo de muitos dos sobreviventes.

Apenas alguns dos integrantes do *Oyneg Shabes* sobreviveram ao fim da guerra, mas o trabalho coletivo e o compromisso em contar às próximas gerações os crimes cometidos pelos nazistas e seus apoiadores continuou vivo e ecoando as vozes das vítimas do extermínio, seus testemunhos continuam produzindo efeitos e sendo compartilhados.

Em determinados aspectos, os arquivos produzidos pelo *Oyneg Shabes* se assemelhavam, como apresentamos na SD10,

SD10 – [...] aos arquivos dos outros guetos. Todos reuniam testemunhos e documentos, e todos trabalhavam com maior ou menor grau de sigilo. [...]. Mas também havia diferenças significativas entre o *Oyneg Shabes* e esses outros arquivos. Em Lodz, Vilna e Bialystok¹⁶, os arquivos gozavam de maior ou menor grau de ‘cobertura’ e incentivo oficial, e recebiam auxílio financeiro [...] dos dirigentes oficiais do gueto, que por sua vez usavam os arquivos para transmitir seu lado da história. Já os contatos do *Oyneg Shabes*

¹⁶ Lodz, Vilna e Bialystok: lugares nos quais outros guetos foram instalados durante a Segunda Guerra Mundial.

com o *Judenrat* eram mínimos. Na verdade, O *Oyneg Shabes* se considerava parte da comunidade alternativa do gueto. O *Oyneg Shabes* [...] evitava o *Judenrat* [...]. Ringelblum comentou que mais de uma vez [...] descartou potenciais colaboradores apenas porque tinham ligações com o *Judenrat* (Kassow, 2009, p.264-265).

Em todos os lugares onde foi possível, as pessoas estavam escrevendo e registrando seus testemunhos sobre as ações nazistas, sobre o extermínio e as condições miseráveis nas quais eles estavam submetidos nos guetos. A expansão territorial da Alemanha levou não apenas suas forças militares até esses territórios, mas, também a ideologia de uma “superioridade racial” foi sendo difundida e através disso a exploração dos povos considerados inferiores à “raça ariana”. Em alguns dos guetos havia uma “colaboração” entre o *Judenrat* e a organização responsável pelos registros da sobrevivência.

Essa “colaboração” entre o órgão responsável por reger o gueto (e fazer a mediação com as forças nazistas) e o grupo responsável pela produção dos registros, testemunhos e aspectos da vida no gueto produz efeitos de sentido de censura ou regulamento do que *poderia ou deveria ser dito*. O “transmitir seu lado da história” também produz efeitos de sentido de que nem tudo que acontecia no gueto deveria ser retratado, como por exemplo, uma possível omissão por parte do *Judenrat*, mas também havia ações consentidas pelo Conselho Judaico, como o contrabando – ação fundamental para a resistência e sobrevivência no gueto. Como aponta Halioua (2024, p. 114), o *Judenrat* sabia do papel essencial do contrabando na sobrevivência dos habitantes. Czerniakow calculava que a atividade ilegal (porém, essencial) gerava uma grande quantidade de dinheiro, algo entre 70 e 80 milhões de zlotys¹⁷, sendo que de forma legal o montante era em torno de 1,8 milhão de zlotys.

Podemos notar que uma mesma FD apresenta suas nuances em relação ao que é dito ou produzido. Há uma complexidade a ser analisada em relação às tomadas de oposição em relação a uma FD, às formas-sujeito da FD, principalmente no que diz respeito a sobrevivência no gueto. As ações tomadas pelo *Judenrat* não eram simples, assim como o impacto gerado na vida daqueles que dependiam de sua assistência. Havia, assim, a identificação e a contra-identificação por parte de outros sujeitos do gueto. Presidir o gueto era uma ação política e como toda ação política, havia o embate ideológico nas repressões, nas concessões etc. Todos esses aspectos foram levados em consideração em nossa análise.

Isso nos leva a outra noção da AD presente em nossa análise, a de *formações ideológicas* presentes no gueto. É através do inconsciente e de seu assujeitamento pela

¹⁷ Złoty – moeda oficial da Polônia.

ideologia que o sujeito produz seu discurso. A filiação do sujeito a determinada formação discursiva (FD) ocorre através de determinada formação ideológica (FI) e é através das FIs (formações ideológicas) que os sentidos se materializam. As formações ideológicas

[...] sinalizam o processo pelo qual o sentido percorre para ‘existir’, ou [...], para se materializar no fio do discurso. Esse movimento pode ser verificado pelas identificações dos sujeitos a determinados conjuntos de saberes, que se manifestam por intermédio das formações discursivas (FDs). Em face disso, compreendemos formação ideológica como uma série de dizeres, rituais, práticas, representações que, de acordo com a formação social vigente, instaura posições de classe, a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos. Esses posicionamentos, por sua vez, mantêm entre si vínculos que podem ser de hegemonia, oposição ou concordância (Pruinelli, 2020, p. 121).

Os judeus enclausurados no Gueto de Varsóvia são interpelados pela formação ideológica de resistência, sendo assim, suas práticas, dizeres e representações fazem parte de posições de classe; os judeus representam a classe oprimida e explorada pela classe que detém o poder (os nazistas e seus apoiadores) e exerce opressão sobre os judeus do Gueto. Os posicionamentos presentes no gueto são de oposição, pois representam duas formações discursivas distintas: a dos opressores e a da resistência (e revolta).

É da resistência através dos testemunhos que nos atemos: a resistência e a revolta dos que estavam sendo oprimidos pelas forças nazistas e seus apoiadores. Em relação a revolta, nos ancoramos ao que nos disse Pêcheux (2014, p. 281), “não há dominação sem resistência”; é preciso resistir à dominação, “é preciso ‘ousar se revoltar’”. Para a revolta, é necessário antes de tudo pensar, “é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’”; pensar nas posições ocupadas na luta de classes e principalmente na sua posição nessa luta; pensar no sentido de uma prática “do inconsciente”.

3.1 – A identificação com uma forma-sujeito de resistência e auxílio aos judeus no gueto

O testemunho sobre a vida precária no gueto foi um ato de resistência não apenas ao momento histórico vivido, nas condições de produção no momento da guerra, mas, principalmente, uma maneira de resistir ao apagamento histórico dos judeus perseguidos e oprimidos pela ideologia nazista. Resistir é se revoltar com o status quo e não aceitar as imposições que lhe são empregadas. A revolta pode ser silenciosa, mas não ausente de discurso, afinal: “O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso” (Orlandi, 2007, p. 102). O silêncio na

revolta produz efeitos de sentido na prática que produza provas e documentos sobre ações que vão contra a vida. Esse “silêncio” ecoa ainda hoje: ecoa através dos testemunhos e das ações e colaborações que produziram através de uma ação coletiva como a do *Oyneg Shabes*, cujos integrantes sabiam da importância da organização e colaboração coletiva com outros grupos do gueto, como o *Aleynhilf*, essa colaboração produz efeitos de sentido de uma identificação ideológica.

SD11– Ringelblum e os outros integrantes do *Oyneg Shabes* se consideravam parte de uma coalizão que funcionava como a ‘consciência’ do Gueto de Varsóvia. O *Aleynhilf* se via como um catalisador que procurava lembrar à população do gueto que, embora a guerra atingisse a todos, alguns eram mais afetados que outros, e que o auxílio aos mais necessitados era não só um dever moral, mas também uma responsabilidade social. Ringelblum e eu círculo entendiam o *Aleynhilf* como arma vital – por mais insuficiente que fosse – na luta contra a desmoralização e a corrupção. Antes da guerra, Ringelblum e seu círculo haviam depositado fé nas ‘massas judaicas’, em sua capacidade de se organizar, de resistir e encontrar uma bússola moral. A guerra desmentiria essa confiança? Eles achavam que não. Na verdade, foi essa tensão crucial entre a fé do grupo nas massas judaicas e a proliferação de patologias na vida do gueto que deu um tom dramático ao Arquivo *Oyneg Shabes*. Ringelblum e colegas se viam na obrigação não só de documentar a experiência da guerra, mas também de defender a honra nacional dos judeus. Os registros do *Aleynhilf*, esperavam eles, os ajudariam nisso (Kassow, 2009, p. 127-128, grifo nosso).

Como apresentamos na SD11 desatada acima, o *Oyneg Shabes* acreditava que os registros do *Aleynhilf* os auxiliariam em suas ações de registrar, documentar e testemunhar sobre a sobrevivência no gueto. Essa fé depositada na Sociedade de Auxílio Mútuo judaica produz sentidos de uma identificação, uma identificação de que as duas organizações partilham de uma mesma forma-sujeito. A preocupação e cuidado com as pessoas menos privilegiadas e a crítica às ações e a forma desigual de tratamento do *Judenrat* com a comunidade judaica no gueto eram inquietações que aproximam os dois grupos. Essa colaboração é a manifestação de uma ideologia se que dá através dessa colaboração, dessa coalizão mesmo que momentânea, em prol de um interesse em comum: a responsabilidade social com a comunidade judaica, principalmente com a pessoas mais afetadas pela guerra, pois “alguns eram mais afetados que outros” (Kassow, 2009, p. 127).

Essa identificação e colaboração, como apontamos acima, se dá através da ideologia, a qual domina os sujeitos. Esse atravessamento faz com que o sujeito, que é inconsciente em relação a tal atravessamento e domínio, produz seu discurso, produzindo sentidos regulados por sua filiação ideológica. O sentido de uma palavra, uma expressão, uma proposição, de acordo com Pêcheux (2014, p. 146-147), não existe ‘em si mesmo’ (não há uma relação

transparente e literal no significante) esse sentido (ou sentidos, já que o sentido nunca é estanque e único) “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” em que o sujeito discursivo estará inserido. Ou seja, podemos resumir da seguinte forma: as palavras, expressões e proposições mudam de sentido de acordo com as posições assumidas e “sustentadas por aqueles que as empregam”, isso de acordo com as formações ideológicas nas quais essas posições estarão inscritas.

Dito isso, ao afirmarmos que a forma-sujeito que determina e regula os discursos do *Oyneg Shabes* também é responsável pelos efeitos de sentido produzidos. Através da formação ideológica, entendida aqui como o conjunto de saberes e práticas faz com que os sentidos sejam produzidos e materializados no fio do discurso. As identificações dos sujeitos a determinados conjuntos de saberes e práticas se manifestam nas formas-sujeitos inscritas nas FDs, e quando pensada nessa materialização nas condições de produção do Gueto de Varsóvia produz “posicionamentos, por sua vez, mantêm entre si vínculos” (Pruinelli, 2020, p. 121) que coincidem ou se opõem. Os vínculos produzidos pela forma-sujeito que domina o *Oyneg Shabes* produz efeitos de concordância e identificação com práticas e dizeres (re)produzidos pelo *Aleynhilf* e de oposição ou contra-identificação com determinadas práticas e dizeres (re)produzidos pelo *Judenrat* e sua forma-sujeito.

As práticas e dizeres do *Judenrat*, como órgão mediador entre o gueto e as forças nazistas, produziam efeitos de sentido de desconfiança nos demais grupos presentes no gueto, os arquivos Ringelblum testemunhavam, como mostra a SD abaixo,

SD12 – [...] certos atos de resistência, mas também para se manterem, eles mesmos à altura de tais atos. Por volta de outubro de 1940, Emanuel Ringelblum evoca as possíveis forças de uma resistência à situação imposta pelos nazistas e retransmitida pelo *Judenrat*. Ele se pergunta sobre as tendências políticas de certos grupos [...]. No fim de agosto de 1941, ele diz estar consternado com o silêncio e resignação das ‘massas judias’, que ele atribui às mentiras dos nazistas, à confiança que se tinha no *Judenrat*, ao medo de represálias e, sobretudo, à ausência de uma organização política digna de tal nome (Didi-Huberman, 2023, p. 108).

Ringelblum já havia notado que o Conselho Judaico (o *Judenrat*), “nomeado e inteiramente controlado pelos nazistas” (Didi-Huberman, 2023, p. 25), funcionava como uma maneira de controlar e espionar os judeus do gueto, uma manifestação da ideologia opressora entre as massas judias – um aparelho repressivo de Estado no Gueto de Varsóvia. A identificação do *Oyneg Shabes* com determinada forma-sujeito; essa identificação também produz efeitos de sentido de desidentificação a determinados dizeres e práticas de um grupo inscrito em uma mesma FD, mas que ao assujeitar-se às imposições nazistas, acaba

produzindo efeitos de sentido de revolta entre a comunidade judaica. Assim, as práticas e dizeres realizados pelo Conselho Judaico remetem a uma contra-identificação do *Oyneg Shabes* para com essas práticas e para com a forma-sujeito.

Entretanto, como apontamos anteriormente, uma FD e seus discursos pode produzir *identificação*, *contra-identificação* ou *desidentificação* dos sujeitos. Mesmo em sujeitos sobreviventes no gueto há a contra-identificação com determinadas práticas e identificação com outras, como no testemunho de Mary Berg (2010), quando discorre sobre Czerniakow e a administração comunitária na SD13:

SD13 – Ele tem o fardo pesado da responsabilidade por tudo que acontece no gueto. Por exemplo, assim que os alemães descobrem que alguém está divulgando jornais ilegais, pegam reféns entre os membros da administração comunitária, que ampliaram de propósito e que agora inclui as personalidades mais importantes. Essas pessoas mostram orgulho e coragem extraordinários e muitas vezes pagam com a vida. **Tudo isso não é um tema adequado para a sátira.** [...] Tive a oportunidade de ver o presidente Czerniakow durante suas visitas à nossa escola. [...] Tem uma expressão severa, mas compassiva. Nunca o vi sorrir, mas isso é bem natural em razão de suas pesadas responsabilidades. Ter de lidar com os alemães todos os dias e, ao mesmo tempo, suportar as queixas e censuras de uma população faminta, amarga e desconfiada certamente não é uma tarefa de invejar. Não me surpreende ele ser sempre sombrio (p. 56-57, grifo nosso).

Em seu testemunho, Mary Berg relata seu posicionamento em relação ao que vivenciou e presenciou como um dos sujeitos confinados no gueto de Varsóvia. Podemos observar, ao analisarmos seu discurso, a identificação e empatia para com as ações e até mesmo com o sujeito presidente do gueto e com suas práticas. Grifamos determinado trecho da citação para ressaltar a maneira como o sujeito Mary Berg se contra-identifica com as sátiras presentes na apresentação teatral (trazida em nosso estudo através de citação anterior), sátiras essas direcionadas a Czerniakow e aos demais representantes do *Judenrat*.

Uma organização, pensada a partir de seus ideais políticos e sua tomada de posição, também é determinada através da oposição a dizeres e práticas. O *Aleynhilf*, “organização de apoio [...] cujo próprio nome sugeria a ideia de uma ajuda levada ao outro ao mesmo tempo que a si mesmo”, algo que se distanciava do “‘Conselho Judaico’ nomeado e inteiramente controlado pelos nazistas” (Didi-Huberman, 2023, p. 25).

A sociedade de auxílio mútuo judaico se definia, também,

SD14 – [...] pelas coisas às quais se opunha: O *Judenrat* de Varsóvia e a polícia judia. Mas [...] a crítica do *Aleynhilf* ao *Judenrat* também refletia profundas diferenças éticas e políticas. Os líderes do *Aleynhilf* atacavam o *Judenrat* e seu presidente, Adam Czerniakow, por impor uma política

tributária que prejudicava os pobres e protegia os ricos; por impor uma política tributária que prejudicava os pobres e protegia os ricos; por arrastar os judeus mais pobres para os campos de trabalho enquanto deixava escapar os abastados; por tolerar uma polícia judaica que se tornava cada vez mais corrupta; por favorecer os convertidos na distribuição de cargos de importância central no gueto; e por falta de orgulho nacional. Os funcionários do *Judenrat*, em sua maioria falavam polonês, enquanto o *Aleynhilf* usava o iídiche como língua oficial (Kassow, 2009, p. 127, grifo nosso).

A SD14 dá visibilidade às diferenças éticas e políticas que distanciam os sujeitos da comunidade judaica no gueto e os colocam em forma-sujeitos opostas; isso também produz identificação entre sujeitos a partir de suas práticas e discursos, como a identificação entre o *Aleynhilf* e o *Oyneg Shabes*. O *Judenrat*, como uma organização que seguia a ideologia da classe dominante, protegia os ricos enquanto prejudicava os pobres. Enquanto os pobres tinham sua força de trabalho explorada, os ricos abastados eram poupados e eram alocados em cargos importantes na formação social do Gueto de Varsóvia.

A corrupção no gueto era exercida pela polícia judaica sob “permissão” do Conselho Judaico. Ressaltamos aqui que a polícia como um aparelho repressivo de Estado exerce suas ações sob o domínio da ideologia da classe dominante. Esse exercício é assegurado através de várias formas de violência, sendo em última instância a violência física. A luta de classes está presente nesses discursos e práticas discursivas nas quais a ideologia dominante e opressora – que detém o poder de controle sobre os aparelhos ideológicos (e repressivos) de Estado – exerce sua imposição sobre a ideologia oprimida.

As práticas discursivas da classe dominante podem ser realizadas e produzem efeitos através do idioma utilizado por aqueles que detém certa posição que lhes confere privilégio. A utilização do idioma polonês, pelos funcionários do *Judenrat*, em vez do iídiche (idioma utilizado pelos judeus) produz-se o efeito de sentido de distanciamento e possível ou contra-identificação com o idioma utilizado pela comunidade judaica no gueto, inclusive idioma utilizado pelo *Aleynhilf*.

Essas duas organizações possuíam papel fundamental entre a comunidade do gueto, e representam contra-identificações ou desidentificações em relação à forma-sujeito cujas as práticas e dizeres não representavam a preocupação e cuidado com as pessoas mais pobres do gueto – sendo as práticas e dizeres de preocupação com a comunidade e o espírito de coletividade que eram representados por outra forma-sujeito, com a qual o *Oyneg Shabes* se identificava. O trabalho realizado pelo *Oyneg Shabes* seguia um acordo ético entre seus integrantes; uma ética que refletia seu empenho em mostrar ao mundo as condições

desumanas sob as quais eram submetidos e a luta diária pela sobrevivência que enfrentavam.

A ação coletiva e a identificação coletiva com uma mesma forma-sujeito.

SD15 – Como escreveu Ringelblum, provavelmente no final de 1942: [...] cada membro do Oyneg Shabes sabia que seu esforço e sofrimento, sua labuta e trabalho, os riscos constantes que assumia na tarefa perigosa de transferir material de um local para outro – sabia que isso era feito em nome de um ideal elevado. [...] O Oyneg Shabes era uma irmandade, uma ordem de irmãos que escreveram em sua bandeira: disposição para o sacrifício, lealdade mútua e serviço à [sociedade judaica] (Kassow, 2009, p. 186).

A SD15 destaca essa identificação entre o grupo organizado por Emanuel Ringelblum e o *Aleynhif* pode ser analisada no que diz respeito ao uso do idioma iídiche, já que *Oyneg Shabes* significa “Alegria do Sábado” em iídiche. A escolha do idioma está diretamente ligada a representações ideológicas e ao laço identitário dos judeus poloneses. Estar disposto ao sacrifício em prol de um ideal, ser leal aos seus pares e à sociedade judaica eram práticas e dizeres de uma forma-sujeito que buscava lutar pelos judeus do gueto.

Se de um lado temos uma FD cujas práticas e dizeres remetem a uma formação ideológica ligada a classe social oprimida pelos nazistas e obrigados a viver em condições precárias no gueto; do outro lado, temos a FD opressora cuja ideologia é colocada em prática pela perseguição, exploração e aprisionamento dos grupos sociais oprimidos. O genocídio orquestrado pelo nazismo e seus apoiadores só foi possível graças ao apoio popular da nação alemã. Essa ideologia nazista foi propagada prometendo “unificar a Alemanha, empregar os seis milhões desempregados no país e ‘restaurar os valores tradicionais alemães’ Hitler conseguiu apoio popular massivo” (Enciclopédia do Holocausto¹⁸).

3.2 – A FD opressora e a ideologia disseminada através da propaganda nazista sobre os judeus

Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba, argumenta (2018, p. 98) que, sendo propagado “de forma consciente ou não, é comum que ouvirmos que o Holocausto é um fenômeno enigmático e inexplicável em sua essência”. A construção da memória coletiva universal da *Shoá* ocorreu em paralelo a esse enfoque ‘místico’ sobre suas razões e explicações, isso tanto nos testemunhos de sobreviventes quanto de historiadores e especialistas. O coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba ressalta ainda para o

¹⁸ <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/rallying-the-nation>

fato de que expressões como ‘irracional’, ‘inexplicável’, ‘misterioso’ e ‘incompreensível’ continuam sendo frequentemente usadas ao abordar as brutais e cruéis ações exercidas pelos nazistas e seus colaboradores.

A explicação sobre o que foi o Holocausto não pode ser analisada sob a perspectiva do “inexplicável”, já que o genocídio foi resultado de uma ideologia que buscou o extermínio dos que atentavam contra os “valores e a pureza da raça ariana”. Esclarecer os crimes, atrocidades e a tentativa de extermínio de um povo não são tarefas fáceis, mas, devemos compreender que o Holocausto foi realizado por pessoas interpeladas pela ideologia nazista. Para alcançar seus objetivos, os nazistas fizeram uso da propaganda como principal meio para propagar sua ideologia e, assim, ter o apoio popular. A ideologia referente à FD nazista e opressora produziu práticas discursivas até mesmo no interior do Gueto de Varsóvia:

SD16 – Em maio de 1942, Rachel Auerbach anotou em seu diário que as equipes de filmagem alemãs andavam ocupadas no gueto. Dessa vez, tinham obrigado moças e velhos a se despir juntos num banho ritual judaico. Poucas semanas antes, os cineastas alemães haviam enfileirado um grupo de judeus diante de uma mesa repleta de comida e mandado que comessem – não sem antes ter passado por cima de crianças esfaimadas que mendigavam à porta. Enquanto isso, por toda a Europa ocupada, o Ministério de Propaganda alemão estava mostrando O judeu eterno, filme que comparava os judeus a ratos, e depois os apresentava vivendo na imundície. Os nazistas queriam deixar impressa para as futuras gerações a imagem dos judeus como uma raça depravada e inescrupulosa de seres subumanos (Kassow, 2009, p. 261).

A sequência discursiva acima destaca o testemunho de Rachel Auerbach, um dos poucos integrantes do *Oneg Shabes* que sobreviveram, relata como os alemães realizavam as filmagens encenando rituais e hábitos com a intenção de disseminar através de propaganda e até mesmo de filmes que serviam como a ideologia que visava essa construção discursiva cuja narrativa era sobre como a “raça depravada e inescrupulosa de seres subumanos” atentavam contra a “pureza” da “raça alemã”. A FD que determinou esses dizeres e práticas foi essa FD opressora, cuja formação ideológica visava a depreciação e a estigmatização como fios do discurso sobre os judeus como uma raça que deveria ser aniquilada.

A propaganda nazista teve um papel decisivo no que diz respeito à disseminação do ódio e racismo aos judeus e outros povos considerados sub-humanos pela ideologia nazista. De acordo com a Enciclopédia do Holocausto¹⁹, para mobilizar o apoio da população alemã, o

¹⁹ <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/propaganda-abridged-article>

regime nazista fez uso da propaganda como ferramenta para motivar os alemães a apoiarem o genocídio dos povos considerados inferiores.

Em 1933, após o nazismo chegar ao poder, Adolf Hitler criou o Ministério do Reich para esclarecimento Popular e Propaganda, encabeçado por Goebbels. O objetivo do ministério era garantir que a mensagem nazista fosse transmitida com sucesso através da arte, da música, do teatro, dos filmes, dos livros, do rádio, dos materiais escolares e da imprensa. Os filmes, em particular, tiveram um papel importante na disseminação do antissemitismo, da crença na superioridade do poder militar alemão, e na demonização dos inimigos do regime nazista. Aqueles filmes retratavam os judeus como seres ‘sub-humanos’ que haviam se infiltrado na sociedade ariana para destruí-la (USHMM²⁰).

Essa discursividade construída pela propaganda nazista visava a estigmatização e desumanização dos judeus – o principal grupo social perseguido pelo regime nazista. A propaganda nazista usou os filmes como principal meio para a disseminação da imagem negativa sobre os judeus como um povo que colocava a sociedade ariana em perigo e buscava destruí-la. Esses discursos constituem seus efeitos de sentido através do encadeamento de práticas e dizeres; as palavras ou expressões são totalmente elaboradas, planejadas de acordo com sua finalidade discursiva: a de persuadir as massas. A FD nazista produziu seus discursos visando o apoio massivo da sociedade alemã, os efeitos de sentido constituídos legitimam suas práticas, legitimam o genocídio que vitimou os grupos sociais como os judeus, os ciganos, os homossexuais etc. Na Alemanha nazista,

[...] a linguagem a serviço da propaganda é que iria construir efeitos de manipulação e de refração da própria realidade de extermínio de todas as minorias que seriam dizimadas: judeus, negros, ciganos, homossexuais, imigrantes, estrangeiros, deficientes físicos[...]. Os torneios sintáticos breves, as repetições, as rimas e os slogans seriam os complexos verbais preferidos pelos nazistas e fascistas, uma vez que não exigiam das massas esforços à ‘compreensão’. Em um capítulo sobre ‘propaganda’ em ‘Mein Kampf’, o ‘führer’ nazista escreve: Toda propaganda deve ser popular e deve adaptar seu nível intelectual à capacidade receptiva do menos intelectual daqueles a quem deseja abordar... A capacidade receptiva das massas é muito limitada, e sua compreensão é pequena; por outro lado, elas têm um grande poder de esquecer. Sendo assim, toda propaganda eficaz deve limitar-se a pouquíssimos pontos que devem ser destacados na forma de slogans. (1933:76-77)

Conforme pode-se observar, através dos ensinamentos do ‘führer’ não seria casual a escolha de slogans para submeter as massas à eficácia de determinadas ideias (Zandwais, 2019, p. 74).

²⁰ United States Holocaust Memorial Museum – Enciclopédia do Holocausto.

Uma ideologia é disseminada com mais eficácia através do encadeamento das palavras em slogans, isso produz efeitos de sentido que massificam ideias centrais presente nas massas, como “religião, família e nação”. Hitler propagou a ideologia nazista através da construção de sua imagem como o salvador da nação alemã, uma nação que corria risco de ser destruída por minorias que atentavam contra a “raça superior ariana”. A “Alemanha acima de tudo²¹” era o que estava sendo “defendida” pelo “führer” e seus apoiadores. Uma linguagem simples e breve, mas, bem elaborada é capaz de constituir efeitos de sentido extremamente persuasivos.

As palavras, expressões ou proposições, como enfatiza Pêcheux (2014, p. 147-148), não têm um sentido que lhe seja ‘próprio’ em “sua literalidade”. “Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva” (p. 147-148). Os sentidos (já que podem sempre ser outros) se constituem nas relações que as “palavras, expressões ou proposições mantêm” (p. 148) umas com as outras em uma mesma FD. Admite-se também que, “as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra” (p. 148). Sobre a propaganda nazista, Pêcheux (2015, p. 85), no texto *Foi “propaganda” mesmo que você disse?*, ressalta que era “fundada no blefe ideológico e no terror policial, explorando sistematicamente a ambiguidade do termo ‘povo’ para *mobilizar as massas populares em nome da Nação alemã*, para subjugar o povo (com p minúsculo) em nome do Povo com P maiúsculo”.

A FD sob a qual as propagandas e discursos nazistas foram produzidos representavam a ideologia da opressão, a ideologia de um *Povo* superior que deveria subjugar o *povo* inferior. No interior dessa FD, palavras, expressões e proposições que remetem ao povo com P maiúsculo remetem à soberania racial; enquanto que as que remetem ao povo com p minúsculo produzem sentido de inferioridade e perigo de contaminação ao Povo, à Nação alemã que deveria ser salva, que necessitava de um líder, de um salvador. É nesse sentido, em relação às palavras usadas em um “*processo discursivo*”, as quais podem, de acordo com determinada FD, produzir efeitos de sentido através do “sistema de relações de substituição, paráfrases, sinónimas etc.” (Pêcheux, 2014, p. 148).

3.3 Sobre os processos discursivos e as formações imaginárias

²¹ Alemanha acima de tudo - *Deutschland über alles* – “Um dos slogans preferidos de Hitler a fim de seduzir o povo alemão” (Zandwais, 2019, p. 74).

Se os sentidos se constituem através das relações que as palavras expressões ou proposições mantêm entre si, podemos afirmar, com base em Pêcheux (2019, p. 39), que o discurso produzido através da propaganda nazista, como “efeito de sentidos” entre A e B, produziu efeitos de sentido convincentes nessa “transmissão discursiva” visando o lugar ocupado por B na comunidade alemã que estava em “perigo” e que seria “salva” por Hitler.

Ainda com base em Pêcheux (2019, p. 39) e sua hipótese de que

[...] esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações).

A hipótese de Pêcheux, apresentada acima, diz respeito a esses lugares em que A e B estão representados nos processos discursivos. Nos processos discursivos há o funcionamento de formações imaginárias, as quais designam o lugar que A e B; nesses lugares ocupados por A e B (ocupados em nossa análise pelo órgão nazista responsável pelas propagandas e o povo alemão) ocorre as projeções feitas de seu próprio lugar e do lugar do outro – os lugares ocupados por A e B. As regras de projeção da sociedade alemã no dado momento em que Hitler ascende ao poder e coloca seu plano genocida em prática. Essas projeções presentes no processo discursivo estabelecem as relações entre as situações e as representações dessas situações.

Como enfatiza Pêcheux (2019, p. 40), “todo processo discursivo supõe a exigência dessas formações imaginárias” e também supõe por parte de A uma antecipação das representações de B, “sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (2019, p. 41). Enfatizamos aqui as condições de produção do discurso, as quais são parte central no que diz respeito à construção discursiva. “Como se trata, por hipótese, de antecipações” (2019, p. 41), devemos considerar que essas antecipações feitas por A pressupõem respostas por parte de B; essas eventuais respostas sancionam “as decisões antecipadoras de A” (2019, p. 41).

Os discursos produzidos pelos nazistas correspondem às condições de produção do período que antecede a guerra e também durante a guerra, já que a produção de discurso sobre a imoralidade e subumanidade dos judeus continuou sendo propagada mesmo quando eles estavam segregados nos guetos. A discursividade sobre a encenação de rituais e práticas por

parte do povo judeu constitui efeitos de sentido que buscam legitimar o extermínio do povo que colocava em perigo a pureza de um povo, que colocava em crise a sociedade alemã, cujo “salvador” era o “führer”. A construção discursiva sobre a figura salvadora da nação buscava a persuasão das massas alemãs

A persuasão discursiva, ainda com base em Pêcheux (2019, p. 41-42) incide sobre a “antecipação de B por A” (p. 41), a qual depende da ‘distância’ suposta por A entre esses dois pontos. A persuasão através do discurso, segundo Pêcheux (2019, p. 41) trata da tentativa do orador (lugar ocupado por A) de transformar o ouvinte (lugar ocupado por B); há também discursos em que o orador e o ouvinte se identificam, como por exemplo, fenômenos culturais, o “orgulho nacional”, uma mesma “fé”, a “família”, um “inimigo” em comum etc.

Como vimos anteriormente, os efeitos de sentido de um discurso podem ser outros, mas não quaisquer outros. Os efeitos de sentido desejados para persuadir determinada formação imaginária são instaurados a partir do uso de palavras específicas que serão, muitas vezes articuladas de maneira “simples” e enfática. Essa articulação presente nos processos discursivos são dotados de estratégias discursivas que visam a persuasão de A sobre B, angariando, assim, o apoio necessário para as práticas de uma ideologia que visa o extermínio de grupos sociais considerados inferiores. A persuasão é alcançada através de estratégias no uso de propagandas, no uso de slogans e frases de efeitos; estratégias essas que retomam a “fé”, o “orgulho”, a “superioridade” e o “risco” e “ameaça” ao Povo, à Nação.

Como já fora apontado anteriormente no que diz respeito, como afirma Pêcheux (2014, p. 147), “formação discursiva” é “aquilo que, numa formação ideológica [...] determinada pela luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”, e levando em consideração que o discurso produzido poderá ser “articulado sob forma [...] de um sermão, de um panfleto” e que “as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”, destacamos em nossa análise os sentidos instaurados pela FD opressora nazista através do encadeamento das palavras, expressões ou proposições realizadas em seus discursos.

Através dessa discursividade, os sujeitos, interpelados ideologicamente pela formação ideológica nazista, produzem seus discursos para persuadir, para impactar, para manipular e alienar as massas para apoiarem aquele que seria a figura “salvadora” da nação alemã e a instauraria a hegemonia da “raça ariana” perante o perigo que os judeus – e demais grupos étnicos considerados ameaçadores e que deveriam ser aniquilados para proteger a Nação e o Povo – representavam.

Como argumenta Hannah Arendt (2012):

A propaganda nazista foi suficientemente engenhosa para transformar o antissemitismo em princípio de autodefinição, libertando-o assim da inconstância de uma mera opinião. Usou a persuasão da demagogia de massa apenas como fase preparatória, e nunca superestimou sua duradoura influência, fosse em discursos ou por escrito. Isso deu às massas de indivíduos atomizados, indefiníveis, instáveis e fúteis um meio de se autodefinirem e identificarem, não somente restaurando a dignidade que antes lhes advinha da sua função na sociedade, como também criando uma espécie de falsa estabilidade que fazia deles melhores candidatos à participação ativa. Através desse tipo de propaganda, o movimento podia apresentar-se como extensão artificial das reuniões de massa, e racionalizar os fúteis sentimentos de empáfia e de histórica segurança que oferecia aos indivíduos isolados de uma sociedade atomizada (p. 492).

A propaganda nazista foi elaborada e pensada a partir dessa antecipação citada anteriormente e através dela os discursos e práticas visavam o Povo o enaltecendo, enaltecendo seus valores, cultura e até as características físicas baseadas na idealização da beleza que remetiam à antiguidade clássica. A propaganda era focada na nação alemã que estavam em partículas, que perdera a noção de conjunto de um todo – atomizada, como apresenta a citação acima. Assim, ressaltamos a maneira como os processos discursivos visavam o Povo, assegurando-lhes direito à perseguição e extermínio a qualquer que fosse diferente de seus padrões e sua moral. Esses processos discursivos produziram efeitos de sentido de que a Nação alemã estava em perigo.

Se de um lado temos uma FD opressora que buscava o extermínio de povos e grupos sociais considerados inimigos e ameaçadores; de outro, temos a FD dos que habitavam o gueto, a FD dos que estavam sendo oprimidos e buscavam produzir discursos que mostrassem pelo que estavam passando. Dessa forma, observamos como uma organização como a de Ringelblum foi importante ao documentar, ao registrar o cotidiano da vida no gueto.

3.4 – O arquivo do *Oyneg Shabes* e a imprensa clandestina como resistência à censura e ao silenciamento

O amplo e ambicioso programa de Ringelblum para o *Oyneg Shabes* ultrapassava a proposta e a abrangência dos demais arquivos. Com o tempo, esse programa veio a coleta de objetos e documentos, o estudo da sociedade judaica, a compilação de depoimentos individuais, a documentação dos crimes alemães e o alerta ao mundo sobre o genocídio praticado pelos alemães. Esses objetivos muitas vezes se sobrepunham, e trabalhava-se neles simultaneamente (Kassow, 2009, p. 265).

O arquivo produzido pelo *OyNEG Shabes*, como a epígrafe aponta, ganhou dimensões e abrangeu as propostas iniciais; a vida da comunidade judaica no gueto passou a ser estudada nos seus mais diversos aspectos. Ringelblum e os outros integrantes do *OyNEG Shabes* procurava documentar os crimes praticados pelos alemães e alertar ao mundo sobre o genocídio que estava em andamento. Conforme o tempo e a vida no gueto iam passando, o arquivo passou a ser composto não apenas por textos, como também por objetos que faziam parte desse cotidiano.

A SD abaixo fala sobre como Ringelblum e os outros sujeitos reuniam os mais variados textos e objetos, tudo que colaborasse com a finalidade do arquivo.

SD17 – O arquivo *OyNEG Shabes* reunia textos e objetos: a imprensa clandestina, cartões de racionamento, cartazes de teatro, convites para palestras e concertos. Tinha cópias dos complicados códigos das campanhas nos apartamentos que abrigavam dezenas de moradores. Havia cardápios de restaurantes anunciando ganso assado e vinhos finos [...]. Havia centenas de cartões-postais cuidadosamente fichados, enviados por judeus do interior que estavam para ser deportados para um ‘destino desconhecido’. O *OyNEG Shabes* preservou os poemas de Wladyslaw Szlengel, Ytzhak Katzenelson, Kalman Lis e Joseph Kirman. Preservou o roteiro completo de uma comédia popular no gueto, ‘O amor procura um apartamento’, e longos ensaios sobre cafés e teatros do gueto. O primeiro lote do arquivo também trazia muitas fotografias, tendo sobrevivido 76 delas (Kassow, 2009, p. 265-266).

O *OyNEG Shabes* reuniu um arquivo com uma materialidade ampla e diversa. Essa variedade ia além de apenas textos e fotos, uma materialidade diversa como os aspectos da vida no gueto. O discurso testemunhal dessa organização produziu um arquivo que compilou os registros do cotidiano dos judeus na clausura; esses registros desde os lugares para lazer e cultura no gueto, como também as produções artísticas produzidas no gueto. A imprensa clandestina foi outra importante ferramenta para manter e preservar a esperança, valores morais e o espírito de comunidade judaica.

A manutenção e preservação dos valores em comunidade e dos valores morais foram necessários para manter a esperança do povo judeu no gueto. A cultura de um povo precisa ser preservada e incentivada a todo instante e no gueto não deveria ser diferente. Os eventos culturais e ações beneficentes continuaram sendo realizados. A heterogeneidade da resistência (e revolta) tinha como uma de suas manifestações através das artes. As apresentações teatrais e os poemas foram formas de manter a esperança no gueto e também mostravam que haviam pessoas tentando sobreviver em meio ao caos do extermínio diário. O registro da vida no gueto e os arquivos dos quais hoje temos acesso tiveram sua divulgação e transmissão graças

às práticas e discursos produzidos de forma clandestina nos guetos e campos. Diferente de outros arquivos,

SD18 – [...] o Oyneg Shabes também passou a cumprir a nova função de centro de ‘resistência civil’. Acabou se tornando um centro de informações da clandestinidade judaica, divulgando no estrangeiro por meio da clandestinidade polonesa, notícias sobre o extermínio do judaísmo polonês, lançando boletins e alertando os judeus sobreviventes a abandonar qualquer ilusão sobre as intenções alemãs. [...]. A imprensa clandestina e o arquivo cobriam vários temas comuns: o cotidiano no gueto, as reclamações contra o Judenrat e a corrupção da polícia, a escalada da mortalidade por causa da fome e das doenças, problema nos campos de trabalho, acontecimentos nas províncias, a difícil situação das crianças e dos refugiados, o estado de espírito nas ruas, o folclore do gueto. No fundo desenvolveu-se uma relação complementar entre essa imprensa clandestina e o Oyneg Shabes. [...]. Vários membros do comitê executivo do Oyneg Shabes [...] também publicavam jornais clandestinos. Em outubro de 1941, foi a imprensa clandestina que começou a publicar as primeiras notícias sobre as execuções em massa. Na primavera de 1942, o Oyneg Shabes publicou um boletim clandestino próprio, repleto de informações sobre a ‘Solução Final’ que se aproximava (Kassow, 2009, p. 266-267).

A SD18 mostra como a clandestinidade foi algo essencial para a realização de pesquisa e divulgação de notícias e informações para os acontecimentos de dentro ou fora do gueto. O *Judenrat* (Conselho Judaico) funcionava como um órgão regulador sobre o que seria veiculado no gueto. O Conselho Judaico, que funcionava como uma extensão administrativa nazista sobre os judeus no gueto, regulava e censurava determinados discursos. A censura sobre a imprensa se concretizava através do *Judenrat* e da polícia judaica. A clandestinidade com eu o Oyneg Shabes e outros sujeitos agiam e produziam materialidades que testemunhavam sobre a sobrevivência no gueto produziu efeitos de resistência sobre a censura e a regulação se instaura através da clandestinidade.

A censura realizada pelo Conselho Judaico, como um órgão que responde e cumpre as ordens das forças militares nazistas, legitima a censura da formação discursiva (FD) opressora no gueto através da forma-sujeito representada pelo *Judenrat*; e entendendo FD como definiu Pêcheux (2014, p. 147), ou seja, aquilo que “numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve *ser dito*”. O *Oyneg Shabes*, como uma organização cujas ações eram realizadas sob a clandestinidade, registrava os vários aspectos da vida no gueto, desde as práticas de lazer e ações políticas até os acontecimentos mais fatídicos, como “um informe sucinto sobre uma mãe quase morrendo de fome que havia devorado o filho morto” (Kassow, 2009, p. 265-266).

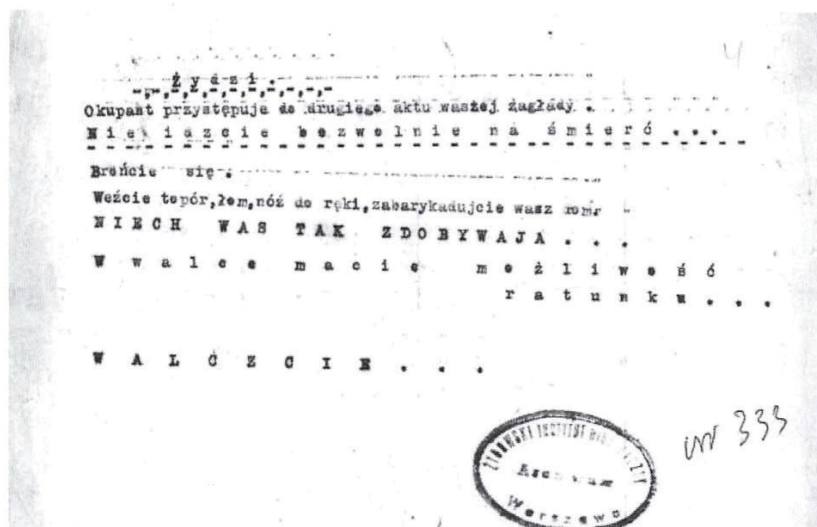
A censura, como enfatiza Orlandi (2007), é

[...] a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proibem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. Se se considera que o dizível se define pelo conjunto de formações discursivas em suas relações, a censura intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições. Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento. Desse modo, impede-se que o sujeito, na relação com o dizível, identifique-se com certas regiões do dizer [...] (p. 105).

Esse silenciamento através da censura impede determinados discursos e dizeres de chegarem aos sujeitos; dessa forma, ao não terem acesso a determinadas informações e notícias, os sujeitos são impedidos de identificarem-se com determinadas regiões do dizer, impedindo-os de identificarem-se com as FDs ligadas a essas regiões do dizer. A censura é uma forma de violência imposta pelos aparelhos repressivos de Estado. A violência em última instância é imposta através da violência física, mas uma de suas outras formas de manifestação é através da censura a determinados discursos.

Ringelblum e os outros integrantes do *Oyneg Shabes* sabiam que suas ações eram de resistência, isso significava se manter à altura do compromisso que a comunidade judaica necessitava daqueles que dispunham dessa coragem em resistir. Ringelblum sabia que a resistência à repressão exercida pelas forças nazistas era “retransmitida pelo *Judenrat*. Ele se pergunta sobre as tendências políticas de certos grupos” (Didi-Huberman, 2023, p. 108). Esse silêncio e inanição das massas judias ele atribuiu “às mentiras dos nazistas, à confiança que se tinha no *Judenrat*, ao medo de represálias e, sobretudo, à ausência de uma organização política digna de tal nome” (Didi-Huberman, 2023, p. 108).

Imagem 7: Panfleto da resistência. Fonte: Kassow, 2009.



Devemos considerar a censura como “um fato heterogêneo, pois ela pode resultar de [...] diferentes ordens: política, moral, estética etc. Isso dependerá da ordem do discurso em que se inscrevem as regiões de sentidos proibidas” (Orlandi, 2007, p. 104). A censura imposta pelos nazistas e transmitida (e garantida no gueto) através do *Judenrat* fez com que ações clandestinas fossem necessárias. O agir em segredo, prezar pelo sigilo são formas de resistir a esse silêncio imposto, ao “silêncio da opressão” (Orlandi, 2007, p. 101). Agir em silêncio incide sobre “o silêncio do oprimido” (idem, p. 101); esse silêncio se inscreve no “Discurso da Resistência, considerando-o como uma forma de oposição ao poder” (idem, p. 101).

O silêncio que se opõe, que resiste, ao poder não significa ausência de ação, muito pelo contrário: “O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso” (Orlandi, 2007, p. 102). O *Oyneg Shabes* e a imprensa clandestina não deixaram que o silêncio imposto pelos nazistas os calasse. Agir na clandestinidade foi a forma de fazer com que seus discursos fossem transmitidos entre os interlocutores, tanto dentro quanto fora do gueto, sem que a censura opressora os impedisse e os calasse.

Ainda com base em As formas do silêncio, de Orlandi (2007), podemos afirmar “que o silêncio trabalha os limites das diferentes formações discursivas, isto é, trabalha o jogo da contradição de sentidos e da identificação do sujeito” (p. 102-103). A homogênea social supostamente existente no Gueto de Varsóvia é mantida pelas práticas do *Judenrat*, o qual privilegia e instaura a ideologia da classe dominante, explorando as pessoas mais pobres do gueto. A contradição dos sentidos pode ser analisada justamente neste simulacro de uma sociedade igualitária e homogênea, que reproduz as condições ideológicas de reprodução/transformadas relações de produção do sistema capitalista.

Como afirma Pêcheux (2014, p. 131), “essas condições contraditórias são constituídas, em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado que essa formação social comporta”. O *Judenrat* como uma Aparelho Ideológico de Estado, já que é o órgão responsável por administrar o gueto, ao censurar os dizeres produzidos pelos arquivos e imprensa, produz efeitos de sentido de dominação/repressão, passando a agir como um aparelho repressivo de Estado.

Há aí um embate entre formações discursivas distintas; a imposição do silêncio através da censura impede justamente a identificação do sujeito com a FD que produz discursos com os quais ele se identificará, impedindo-o assim de tomar uma posição na luta de classes. A dominação através da censura (re)produz práticas de dominação por aqueles que detêm o

poder. O discurso de resistência (e revolta) luta contra essa dominação, luta contra os que detêm o poder; contra essa (re)produção de dominação que instaura a ideologia da classe dominante sobre os dominados.

A resistência em determinadas práticas se realiza de maneira sigilosa, como a SD19 destacada abaixo nos mostra, o *Oyneg Shabes*, conseguiu fazer uso da imprensa clandestina do gueto.

SD19 – Embora tivesse de manter secreto, o arquivo em si se beneficiava indiretamente da capacidade da imprensa clandestina de fazer circular as informações, de lembrar aos leitores os valores e os códigos morais de antes da guerra e de fomentar uma comunidade. O fluxo de informações divulgados pelos jornais clandestinos ajudava a criar a consciência da necessidade de registrar o que estava acontecendo, e suas exortações morais e políticas reforçavam a disposição de usar esses testemunhos para levar à justiça não só os perpetradores nazistas, mas também os judeus reprovados nos testes morais de honestidade e solidariedade nacional (Kassow, 267-268)

A clandestinidade era uma necessidade e uma prática discursiva de resistir ao silenciamento às imposições e perseguições nazistas dentro do gueto. A imagem do panfleto trazida anteriormente em nosso estudo produz efeitos de chamamento à revolta. Em plena precariedade de recursos para sobreviver no gueto, a clandestinidade de informação e comunicação entre os judeus se fazia essencial para a resistência. O chamado para a resistência ao assassinato produzia efeitos também de resistência ao apagamento histórico e ao testemunho da vida no gueto e da legitimação da luta pela memória judaica. Sobre a resistência armada no gueto e luta pela memória e inscrição na História discorreremos no capítulo seguinte.

4 – A rememoração/comemoração da resistência: o levante do gueto de Varsóvia

Tudo depende de quem transmite nosso testamento às gerações futuras, de quem escreve a história deste período. A história costuma ser escrita pelos vencedores. O que sabemos sobre os povos assassinados é apenas o que os assassinos se vangloriam em dizer sobre si. Se nossos assassinos vencerem, se forem **eles** a escrever a história desta guerra, nossa destruição será apresentada como uma das mais belas páginas da história mundial, e as gerações futuras lhes renderão tributo como valorosos cruzados. Todas as suas palavras serão tomadas por verdade. Ou eles podem extinguir totalmente nossa memória, como se nunca tivéssemos existido, como se jamais tivesse existido um judaísmo polonês, um gueto em Varsóvia [...]. Mas se **nós** escrevermos a história deste período de sangue e lágrimas – e acredito firmemente que escreveremos – , quem irá acreditar em nós? Ninguém vai acreditar em nós, porque nossa catástrofe é a catástrofe de todo o mundo civilizado. [...] Teremos a ingrata tarefa de provar ao mundo relutante que somos Abel, o irmão assassinado (Kassow, 2009, p. 262).

Como a epígrafe acima nos diz, ‘a história costuma ser escrita pelos vencedores’ e se os nazistas tivessem sido vitoriosos, a história seria contada do ponto de vista deles, enaltecendo seu líder, a “raça ariana”, sua nação hegemônica e sua ideologia vitoriosa. A história seria contada a partir da visão nazista. Se o antissemitismo tivesse sido vencedor, não teríamos acesso aos testemunhos e às testemunhas da catástrofe. Mas a resistência fez com a verdade viesse à tona e o mundo conhecesse os crimes cometidos pelos nazistas e seus apoiadores.

Hannah Arendt (2012, p. 25-26), no livro *Origens do totalitarismo*, fala sobre como muitos ainda julgam que a ideologia propagada pelos nazistas não girava em torno do antissemitismo e que desse acaso nasceu a política de perseguição e extermínio aos judeus. Os sobreviventes sem lar e sem raízes e o horror do mundo diante do resultado do genocídio “deu à ‘questão judaica’ a proeminência que ela passou a ocupar na política diária. Essa visão que os nazistas apresentaram e propagaram sobre os judeus e seu papel na política mundial foi considerada por muitos como um mero pretexto para conquistar as massas. Ainda segundo a autora, é compreensível que não tenham levado à sério o que diziam os nazistas. O antissemitismo cresceu enquanto o nacionalismo teve um declínio. “Os nazistas não eram

meros nacionalistas” e sua propaganda teve papel importante para o recrutamento de simpatizantes e para o nascimento do antissemitismo.

A propagação do antissemitismo foi essencial para recrutar aliados e alienar as massas. O orgulho nacional alemão deveria ser suscitado sentimento de pertencimento a um grupo superior etnicamente às minorias sociais. O nazismo fez com os judeus e outros grupos sócias que os “ameaçavam” fossem, perseguidos, oprimidos e assassinados em massa, tudo isso com a intenção de apagar sua existência da História. A ideologia do nazismo foi baseada e disseminada através do ódio, através do antissemitismo. As práticas discursivas disseminadas através dessa ideologia foram legítimas através desse ideal de soberania subjugar e oprimiram os que estavam presos nos campos de concentração e nos guetos. Entretanto, essa opressão gerou revolta e resistência que se inscreve na memória da *Shoá*.

4.1 – Testemunho e resistência do Levante do Gueto de Varsóvia

Como apresentamos anteriormente, a resistência e a revolta aconteceram de maneira heterogênea: desde o ensinar em segredo, manter os costumes e práticas religiosos, contrabandear comida, produzir testemunhos sobre o que acontecia na clausura. Para o estudo do Holocausto faz-se necessário o estudo dos testemunhos, o estudo da literatura de testemunho. Segundo Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 47-48):

Literatura de testemunho é um conceito que, nos últimos anos, tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a ‘realidade’. O conceito de testemunho desloca o ‘real’ para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do ‘real’. Em um extremo dessa modalidade testemunhal encontra-se a figura do *mártir* – no sentido de alguém que sofre uma ofensa que pode significar a morte –, termo que vem do grego *martur* e significa testemunha ou sobrevivente (como o *superstes* latino). Devemos, no entanto, por um lado manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um ‘martírio’ pode testemunhar; a literatura sempre tem um teor testemunhal. E, por outro, o ‘real’ é – em certo sentido, e sem incorrer em qualquer modalidade de relativismo – sempre traumático.

Como apontado na citação acima, o que a literatura de testemunho faz é trazer o relato de um trauma, o relato dos que vivenciaram o trauma e a calamidade. O testemunho do real beira a escrita jornalística no sentido de apresenta o discurso do cotidiano; porém, esse cotidiano de que tratamos aqui na temática da *Shoá* é o do cotidiano dos que estavam sob ameaça do extermínio nazista. Mesmo em meio a este perigo constante os sujeitos

continuaram seu trabalho produzindo os testemunhos, relatando em seus discursos a situação cada vez mais grave em que a comunidade judaica se encontrava. Algo em podemos observar na SD destacada a seguir sobre as práticas discursivas de Emanuel Ringelblum:

SD20 – Enfrentando um perigo constante, abalado pelo assassinato dos amigos mais próximos, dividido entre seu trabalho no arquivo e as obrigações com a família, Ringelblum congregou grandes reservas de força interior para prosseguir o trabalho. Agiu assim porque sabia que, mesmo que o judaísmo polonês não sobrevivesse, o arquivo ainda seria necessário. Sem ele, a posteridade leria as versões dos assassinos, mas esqueceria as vozes das vítimas. Todavia, o que fora possível no gueto, antes da deportação, agora era infinitamente mais difícil. Ringelblum trabalhava sob pressões e tensões cada vez maiores, e sua angústia fica patente nos textos que deixou após o final da Grande Deportação²². Quando as deportações se interromperam por algum tempo, em setembro de 1942, Ringelblum encontrou um novo foco. Em vez de anotações diárias, semanais e mensais, registrando fatos e impressões, ele tentou analisar a conduta judaica *in extremis*, em especial as razões da súbita transição do terror atônito durante os meses de verão para uma inflexível determinação em resistir. As organizações de combate se preparavam para a batalha, os judeus remanescentes construíram abrigos e esconderijos. Em 1943, poucos judeus ainda se dispunham a ouvir as promessas alemãs (Kassow, 2009, p. 404-405).

O idealizador do *Oyneg Shabes* sabia da necessidade e importância de continuar testemunhando, uma produção discursiva de grande importância para a memória da *Shoá*. O que já era difícil antes das deportações, agora estava ainda pior. Agora novas práticas discursivas precisavam ser colocadas em ação. A resistência se fazia cada vez mais necessária ou a história seria aquilo que os opressores quisessem contar.

De acordo com Gutman (1995, p. 125), a deportação em massa dos judeus do Gueto de Varsóvia começou em 22 de julho de 1942, a qual prosseguiu com breves intervalos até 12 de setembro. Durante essas semanas de deportação, aproximadamente 300 mil judeus foram expulsos ou assassinados; 265 mil foram lados do local de ajuntamento – o *Umschlagplatz* – para trens de carga fechados e superlotados rumo ao campo de extermínio de Treblinka.

²² Em janeiro de 1942, teve lugar em Berlim a Conferência de Wannsee. Nela, reuniram-se dirigentes das SS (a guarda de elite do estado nazista) e representantes dos ministérios do governo alemão para examinar seu projeto de Solução Final, ou seja, o plano nazista para exterminar os judeus da Europa. Naquela reunião, os participantes chegaram à conclusão de que, para alcançar seus objetivos, seria necessário eliminar 11 milhões de judeus europeus, incluindo os de países não ocupados pelo governo nazista, tais como a Irlanda, a Suécia, a Turquia e a Grã-Bretanha. Os judeus da Alemanha e dos países ocupados pelos nazistas foram deportados de trem para os campos de extermínio na Polônia ocupada, onde foram mortos. Os alemães tentaram encobrir suas intenções, referindo-se às deportações como "recolonização das terras do leste". Eles diziam às vítimas que elas estavam sendo levadas para campos de trabalho. Na realidade, de 1942 em diante, para a maioria dos judeus, a deportação significava ser levado para os centros de extermínio e para a morte. Fonte: *United States Holocaust Memorial Museum*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/deportations>.

Outros 11.580 judeus foram enviados para campos de trabalho forçado. Possivelmente, permaneceram em torno de 50 a 60 mil no gueto; aproximadamente 8 mil conseguiram chegar ao lado polonês da cidade; e, mais de 10.000 foram assassinados nas ruas do gueto durante a evacuação forçada. A permanência dos judeus no Gueto de Varsóvia, e em outros guetos na polônia, era necessária para que a infraestrutura (que abrangia os campos de extermínio, as câmaras de gás e o transporte ferroviário) de Treblinka ficasse pronta.

Os nazistas não queriam que os judeus soubessem de sua finalidade com as deportações. O extermínio era uma prática até então feita de uma forma que os judeus ainda presos nos guetos não deveriam saber de sua existência. O assassinato em massa estava cada vez mais próximo, a tão buscada “Solução Final” estava sendo colocada em prática. Porém, mesmo que os nazistas não quisessem que a informação sobre o que acontecia em Treblinka se espalhasse pelos guetos, as informações chegavam aos judeus, mas a clandestinidade fez com que as informações sobre o campo de extermínio se espalhasse pelo gueto e mostrasse que um ato de resistência era necessário.

Sem a resistência armada, apenas a versão nazista da história seria contada, sem falar no extermínio dos judeus e demais grupos sociais oprimidos por essa ideologia da morte, do extermínio ao que era diferente. A SD abaixo nos fala sobre esse chamado à revolta:

SD21 – Emanuel Ringelblum logo tratou de indagar o chamado que havia sido lançado: *o chamado à revolta*. Samuel Kassow conta como o historiador se aproxima progressivamente do jovem Mordechai Anielewicz, com quem, em 1929, ele teve a oportunidade de trocar livros e conversas sobre história e economia. Anielewicz, que lideraria a insurreição do gueto em 1943 e ali morreria aos 24 anos de idade, sustentava desde o início a ideia de que apenas a resistência armada podia responder à situação dos Judeus confrontados com a máquina de extermínio nazista. Evocando o jovem Anielewicz, Ringelblum confessa um remorso a respeito da relação discordante – mais uma – entre os jovens decididos a engajar-se numa luta armada e os homens ‘maduros’ do gueto: ‘Nosso camarada Mordechai um segundo erro, cujas consequências foram duramente sofridas pelos Judeus de Varsóvia e dos Judeus Poloneses. [Os jovens] deram muita atenção à opiniões da geração adulta – às pessoas experientes, aos sábios, aos que pesaram e pensaram, que apresentaram mil argumentos bem-pensados contra a ideia de combater o ocupante. O resultado é uma situação paradoxal. Os adultos, que já haviam vivido metade de suas vidas, falavam, refletiam, preocupavam-se em sobreviver à guerra. Os adultos sonhavam com a vida. Os jovens – o melhor, mais bonito, mais nobre elemento que o povo possuía – só conseguiam pensar numa morte honrosa. Eles não pensaram em sobreviver à guerra, não forjaram documentos ‘arianos’, não encontraram apartamentos do outro lado. Sua única preocupação era a morte mais honrosa, o tipo de morte que merece um povo bimilenar’ (Didi-Huberman, 2023, p. 109).

A insurreição no Gueto de Varsóvia em 1943 representa a resposta ao chamado à resistência. Os mais velhos e os mais jovens sabiam da necessidade da resistência, sabiam que essa luta era fundamental para a história dos Judeus de Varsóvia e dos Judeus Poloneses. Enquanto os adultos temiam pela morte, os jovens almejavam uma morte honrosa fruto da prática discursiva da resistência. Em 2023, houve o marco histórico dos 80 anos do Levante do Gueto de Varsóvia, um marco da resistência à opressão nazista.

Sobre esse marco, destacamos a importância de lembrar/comemorar o Levante no gueto. A esse respeito, ancoramo-nos em Venturini (2024, p. 55), que argumenta, que “no eixo da formulação, rememoração/comemoração recobrem-se”. Ainda de acordo com a autora, pensando no processo de estruturação do discurso, a *rememoração* funciona como pré-construído, a memória do saber, como interdiscurso, aquilo já-sabido sobre o fato ou evento histórico. Já a rememoração, funciona como intradiscurso, o espaço da linearização do discurso, o fio do discurso sendo colocado prática, um fio que puxa outros fios, um saber que desencadeia outros saberes acerca da memória no interdiscurso. Assim, adentra-se à memória discursiva, um fio que puxa outros fios tece-se o discurso, “o qual, pelos efeitos de verdade e de evidência, lineariza-se como saturado, constitutivo de memórias não lacunares”.

Ao tecermos um discurso – e tomamos aqui em nosso estudo a memória da resistência no Gueto de Varsóvia – automaticamente, através das redes que constituem tal discurso, retomamos outros discursos que se inscrevem e uma mesma memória discursiva sobre a resistência dos judeus que sobreviviam no gueto. Os dizeres e práticas discursivas inscritos na memória da Shoá, no que diz respeito ao Gueto de Varsóvia serão puxados através de um discurso, dessa forma, os fios do discurso puxarão outros fios e, assim, produzirão efeitos de sentido de saturação, de uma completude em relação à memória a qual se adentra o fio discursivo, uma completude que obviamente indica não possuir lacunas.

Quando produzimos um discurso sobre a memória da resistência judaica no Gueto de Varsóvia, produzimos efeitos de sentido que nos levam a discursos que remetem à memória da resistência armada, ao Levante. Ao falarmos da comunidade judaica de Varsóvia, somos puxados, através das redes de memória, aos testemunhos dos que viveram e presenciaram a luta pela vida, dos que viveram e resistiram no interior do gueto às forças nazistas, como é fundamentado pela SD a seguir:

SD22 – Não é de surpreender que, nessas condições, um dos últimos textos do Diário de Emanuel Ringelblum tenha sido um elogio dos jovens resistentes: ‘Resistência. – O judeu do pequeno gueto que agarrou um alemão pelo pescoço. O outro atirou, enfurecido, matando treze Judeus (na

rua Panska ou Twarda). – O Judeu da rua Nalewki que roubou a arma de um ucraniano e fugiu. O papel da juventude. – Os únicos que restaram no campo de batalha, românticos, sonhadores. [...]’. Embora o próprio Ringelblum nunca tenha pegado em armas – apesar de ter arriscado a própria vida várias vezes muitos de seus companheiros – podemos dizer que todo seu empreendimento de historiador, empreendimento documental, deve ser entendido como um ato de resistência e de desafio, a tal ponto que Ruta Sakowska²³ fala de uma ‘vitória intelectual póstuma’ sobre a mentira e o aniquilamento orquestrados pelos nazistas (Didi-Huberman, 2023, p. 110).

A SD22 reforça a maneira como já discutimos em nosso texto, sobre como a resistência foi manifestada em várias práticas, sendo as produções de testemunhos e arquivos que mostrassem ao mundo as ações desumanas dos nazistas e seus apoiadores um grande ato de resistência. Porém, a luta armada acaba tendo destaque nas práticas de revolta e resistência; a luta armada produz efeitos de sentido de última alternativa ao resistir à aniquilação nazista. Essa memória, essa rememoração que fazemos ao falar do Holocausto só é possível de ser analisada através dos arquivos produzidos pelos prisioneiros segregados nos guetos e nos campos.

4.2 – A rememoração/comemoração no discurso sobre a resistência

A memória discursiva, como argumenta Courtine (2022, p. 105-106), é aquela que diz respeito à existência histórica do enunciado no interior das práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos. Esses aparelhos ideológicos controlam a memória a ser discursivizada, assim, faz-se necessário discorrermos sobre o ato de rememorar determinado fato ou evento histórico.

A rememoração, de acordo com Venturini (2024, p. 56), na história e na antropologia, diz respeito à recordação do passado e como espaço discursivo, a rememoração – constituída pelo interdiscurso que se atualiza pela memória discursiva – dá visibilidade à memória por meio do sujeito, que está filiado à uma FD, e ao mesmo tempo é interpelado pela ideologia e

²³ Dra. Ruta Sakowska, historiadora sênior do Instituto Histórico Judaico de Varsóvia. Nascida em Vilna em 1922, a Dra. Sakowska era filha do famoso jornalista judeu Meyer Pups. Ela sobreviveu ao Holocausto na União Soviética, trabalhando em uma fábrica têxtil em Fergan, Uzbequistão, e retornou à sua cidade natal, Vilna, após a guerra. De 1944 a 1949, ela estudou história nas Universidades de Moscou e Vilna. Em 1958, ela retornou à Polônia com seus pais e começou a trabalhar no Instituto Histórico Judaico, onde foi protegida do diretor Bernard Mark. Ela aprofundou seus estudos com Artur Eisenbach e Tatiana Berenstein e logo se tornou uma autoridade estabelecida no gueto de Varsóvia e a principal pesquisadora e editora do Arquivo Ringelblum. Fonte: *United States Holocaust Memorial Museum*. Disponível em: <https://www.ushmm.org/information/press/in-memoriām/dr-ruta-sakowska-1922-2011>

atravessado pelo inconsciente. O sujeito faz parte de uma formação social que comemora e rememora essa memória. O sujeito fornece à formação social um modo de funcionamento para a memória discursiva. Dessa forma, se “constitui os andaimes que estruturam o discurso comemorativo”, materializando “os gestos de comemoração, como o ‘fazer-memória’ pela institucionalização e legitimação da celebração” do evento histórico que é significativo para a formação social.

Mas temos que ter em mente que, a memória institucionalizada é discursivizada a partir da ideologia na qual os sujeitos que detém esse controle sobre o qual esse sujeito é interpelado, assim: “Alguns desses andaimes são retirados da obra, e por vezes, apagados, mas retornam ao eixo da formulação porque são imprescindíveis para a atualização da memória” (Venturini, 2024, p. 56).

Essa atualização e ilusivo controle da memória – tanto a saturação, quanto a ausência, as lacunas – produz efeitos de sentido. O controle da memória que será comemorada/rememorada não é absoluto. O controle não é isento de lacunas e falhas, e essas lacunas e falhas ecoam e ressoam no fio do discurso. Ao tentarem gerenciar/regular/manipular/controlar a memória e apresentá-la aos demais a partir de um recorte – já que não é possível apresentar toda a materialidade sobre um acontecimento ou evento histórico – efeitos de sentido são produzidos, podendo voltar-se contra aqueles que apresentam o recorte; pois os sentidos não são estanques, outros sentidos poderão ser (re)produzidos.

Em relação a essa questão, da produção dos efeitos de sentido através de uma memória discursiva lacunar, deslocamos para a AD e para nossa análise a metáfora do golem – *O golem* é uma história de Isaac Bashevis Singer. Golem é um ser imperfeito, feito de barro para proteger os judeus habitantes do gueto de Praga, mas que suas ações acabam saindo do controle e voltando-se contra seu criador.

Essa metáfora nos foi apresentada durante um breve comentário feito pelo professor Piotr Kilanowski do Curso de Letras Polônês da UFPR em uma mesa redonda que ocorreu no dia 19 de abril de 2023, e que deu início a uma série de eventos comemoração²⁴ ao aniversário de 80 anos do Levante do Gueto de Varsóvia.

²⁴ O evento ocorrido no dia 19/04/2023 foi realizado em colaboração entre o Centro de Estudos Poloneses, o Curso de Letras Polônês e o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, em colaboração com Ministério de Relações Exteriores da República da Polônia, Consulado Geral da República da Polônia e o Museu do Holocausto de Curitiba, promovem uma série de eventos intitulada: "busco palavras que não existem" - Literatura polonesa e o Holocausto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jF3uMNEzJbE>.

Nesse evento, o professor Piotr Kilanowski falou sobre ao momento de rememoração e comemoração dos 80 anos do Levante do Gueto de Varsóvia rememorar nessa circunstância, estamos tentando lembrar a matéria viva, retomando a lembrança e comemorando essa data tanto na qual as pessoas que estavam em uma situação sem nenhum tipo de esperança não ser a resistência. Essa data comemorativa dos 80 anos do Levante é essencial para lembrarmos da importância de resistir apesar de tudo, e o mais importante, comemorar e rememorar esse ato de rebeldia, esse ato de resistência. A data é importante para lembrarmos de resistir. Por não ser um pesquisador vinculado à AD, o rememorar e comemorar dos quais o professor fala dizem respeito apenas à História. Entretanto, em nossas análises, deslocamos noções e conceitos da História e de outras áreas para a AD.

A resistência armada se fez necessária, os alemães realizaram todas as suas ações de forma a evitar resistência, diminuindo o número de judeus no gueto, assim diminuiria as chances de resistência. Essa estratégia foi pensada para facilitar as deportações e até causou descontentamento entre os próprios judeus restantes no gueto.

SD23 – Terminadas as expulsões, os judeus estavam exaustos, chocados, estarecidos e irados. Era a hora de prestar contas, e de uma reviravolta interior. [...]. As queixas dos cronistas eram uma espécie de inventário moral pós-deportação; essas acusações não foram feitas durante os próprios acontecimentos. Emanuel Ringelblum foi particularmente duro. Em seu artigo intitulado ‘Por quê?’, ele pergunta repetidamente: ‘Por que não resistiram quando 300 mil judeus estavam sendo evacuados de Varsóvia?... Por que não houve uma só vítima entre os carrascos?’. [...]. Para os habitantes do gueto, o mundo inteiro se reduzia, por um lado, a nazistas e seus ajudantes, e, por outro à aparentemente isolada presa judaica. O mundo exterior não reagiu nem ajudou. Nenhum encorajamento ou assistência, sob qualquer forma que fosse, veio do lado polonês ou do mundo livre. [...]. Os planos para uma resistência judaica ativa durante a expulsão se desintegraram. [...]. Representantes dos movimentos juvenis sionistas, assim como outros de partidos políticos eram favoráveis a uma posição ativa. [...]. Uma resistência ativa provocaria represália coletiva; enquanto houvesse, para a maioria ou para uma parte do gueto, alguma esperança de sobrevivência, tais ações equivaleriam a um suicídio coletivo, e não teriam apoio generalizado. *Somente quando não havia mais nenhuma esperança de sobrevivência foi que começou no gueto a resistência armada. Só então a resistência poderia ter tido amplo apoio* (Gutman, 1995, p. 135-137).

A deportação dos judeus para o campo de extermínio de Treblinka fez com surgisse vários questionamentos em relação à falta de um posicionamento defensivo entre os sujeitos confinados no gueto. Quando a esperança de uma saída do gueto, de uma libertação de maneira pacífica foi perdida, e apenas quando não restava esperança, é que a resistência armada foi colocada em prática. A organização coletiva foi necessária para que um embate

contra as forças opressoras nazistas. A organização dos movimentos juvenis e outros grupos políticos eram favoráveis à organização de uma oposição ao extermínio cada vez mais próximo. A percepção da necessidade da organização coletiva dos sujeitos que se identificavam com esse ideal de luta pela sobrevivência e pelo não apagamento da memória judaica, cujas práticas discursivas eram a da resistência, culminou na Organização Combatente Judaica (OCJ).

4.3 – Sobre a rememoração/comemoração, discursos *de* e *sobre*

A rememoração dos acontecimentos da resistência no gueto discursivizam sobre um passado de luta contra o extermínio e contra uma ideologia que perseguia os que considerava inimigos, tudo isso baseado em preceitos étnicos, levando a perseguição e a assassinatos em massa. A rememoração, como discurso *de*, sustenta e ancora o que está no eixo da atualidade como comemoração (discurso *sobre*). Tal como foram mobilizadas por Venturini (2024) essas noções se implicam, sendo preciso desfazer o equívoco de pensar que recordar é comemorar e que comemorar é festejar. O discurso *de*, que funciona junto à rememoração implica um funcionamento da memória, que tal como o interdiscurso, preenche furos e possibilita a atualidade do discurso. Não tem nada a ver com o discurso vindo de algum lugar.

Já a comemoração (discurso *sobre*) faz sentido pelo que ressoa como memória. As duas noções funcionam juntas pela memória discursiva, que comporta a atualidade, mas significa pelo que ressoa como memória. No discurso sobre a resistência no Gueto de Varsóvia, a rememoração/comemoração funciona em discursos e são analisados conjuntamente, sem divisão. Para deixar um pouco mais claro, vale destacar que Venturini, quando pensou nesse percurso da memória, em sua tese de doutorado, defendida em 2008, pautou-se em Courtine (1999) que mobiliza os dois eixos, já tratados por Saussure: o eixo sintagmático (das relações) e o paradigmático (das seleções).

Foi assim que Venturini (2024), cunhou essas noções, deslocando-as de outros lugares, entendendo que o eixo sintagmático (comemoração, discurso *sobre*) é a atualidade, o discurso, o que está sendo dito. Mas esse dito se pauta em uma já-dito, que está no eixo das seleções (o paradigmático, rememoração, discurso *de*), funcionando como memória. Os dois eixos se atualizam pela memória discursiva, constituindo efeitos de esperança, sinalizando que ela é possível pela resistência. Não se trata, portanto, de lembrar, mas de mobilizar memória e discursos já ditos e também não significa comemorar, mas discursivizar esse

acontecimento. Nesse discurso, assim constituído a resistência escapa ao intencional, faz fura nos modos como os nazistas pensavam anular/apagar os judeus e o Holocausto da história. A resistência mostra como os judeus se negaram a aceitar a morte no campo de extermínio e buscaram mecanismos para que o acontecimento passasse para a história.

Com base em Venturini (2024, p. 57), podemos afirmar que os discursos de rememoração retomam os vestígios de um passado que retorna como memória “ou como discursos que circularam antes em outros lugares (Pêcheux, 1997) e, de outro são interpretados pelos valores sociais do presente, atendendo a uma emergência do espaço urbano”. A autora ainda discorre sobre a função da rememoração de instauração e sustentação do discurso de comemoração. Através da “representação-interpretação” e o que será apresentado, isso ressoará e faz sentido, atualizando o discurso. Esse gesto, apesar de possuir falhas e lacunas, atualiza os saberes. Assim, pode-se dizer que “rememoração não se lineariza materialmente, mas é um efeito da memória do eixo da formulação – intradiscurso –, instaurando a comemoração”. As memórias que sustentam a comemoração funcionam como rememoração (discurso *de*) e “emergem no eixo da formulação, sustentando o dizer”. A memória do discurso de comemoração (discurso *sobre*) faz retornar as memórias e através dos gestos de comemoração e do ‘fazer crer’ torna-se visível o objeto de comemoração e para a formação social e direcionam-se os sentidos, através do que se apaga e do que se deixa visível.

Ao analisarmos a resistência armada como último sinal de esperança dos judeus na tentativa de resistir às investidas nazistas, estamos, também, rememorando a resistência que se inscreve na memória da *Shoá*. Retomamos aqui a memória da resistência e vida judaica no gueto. A respeito da discursivização desta memória, da memória discursiva, que como apontamos anteriormente, com base em Courtine (2022), como aquela que diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas que são regradas por aparelhos ideológicos, os quais são responsáveis, como disse Venturini (2024) por dar visibilidade ou invisibilidade à memória.

Aqui, neste estudo, damos visibilidade à vida e à resistência judaicas em relação à opressão e à tentativa de apagamento e assassinatos em massa. A insurreição judaica é aqui rememorada. A revolta, o ousar se revoltar e a necessidade desse ato de ousar revoltar-se, tornou-se mais difícil pela falta de colaboração de governos aliados e da resistência polonesa, como podemos analisar na SD24:

SD24 – No início de abril de 1943 cerca de oitocentos trabalhadores são conduzidos à força para os campos. Convencida de que a destruição do gueto é iminente, a OJC implora a ajuda da Resistência polonesa. Antek Icchak Cukierman, levando uma carta de Mordechai Anielewicz ao diretor da Resistência polonesa, é enviado à zona ariana: ‘A situação se agrava a cada dia. [...] Temos a liquidação do judaísmo de Varsóvia nos próximos dias’. O comandante da OJC pede o envio urgente de armas e reclama também da falta da compreensão ‘para a causa judaica’: ‘Lamentamos não estar em contato direto com os governos aliados, com o governo polonês e as organizações judaicas no estrangeira, que nos teria permitido informá-los sobre nossa situação e o comportamento e o comportamento dos responsáveis pelo povo polonês’ (Halioua, 2024, p. 207).

A urgência da insurreição apontava também para a urgência de armas para que a resistência contra as forças militares nazistas armadas fosse possível. O pedido de ajuda do OJC e dos demais judeus no gueto significava o pedido de apoio do mundo externo à segregação no gueto e apoio à sobrevivência das vidas judaicas. A história nos mostra, através da rememoração a maneira como a falta de ação dos governos tornou o genocídio realizável. A SD24 reforça essa falta de ação do governo polonês ou demais governos. A falta de uma tomada de posição contra as ações nazistas produz efeitos de sentido de passividade e aceitação em relação às práticas nazistas de extermínio.

O fim iminente do Gueto de Varsóvia aconteceu em 19 de abril de 1943, como as SDs a seguir mostram:

SD25 – O extermínio do derradeiro remanescente da comunidade judaica de Varsóvia não foi inesperado. No dia de abriu que procedeu a ‘ação’ final, chegaram ao gueto informações do lado ariano da cidade. Fontes policiais comunicaram ser iminente um ataque ao gueto. Os nazistas lançaram o ataque na segunda-feira, 19 de abril de 1943 – véspera do *Pessach*, a Páscoa judaica. Embora os judeus temessem e a proximidade e a fatalidade da catástrofe, eles não renunciaram aos tradicionais preparativos para os dias festivo. *Pessach* ainda era *Pessach*, mesmo no gueto de Varsóvia em 1943 (Gutman, 1995, p. 179).

SD26 – Em 19 de abril de 1943, às 4 horas da manhã, 1.262 soldados e 31 oficiais, 830 dos quais atuando em conjunto com as forças policiais e com auxiliares ucranianos, letões e lituanos de Trawniki, penetraram no gueto. Os 750 combatentes judeus (quinhentos da OJC e 250 da UMJ²⁵) estão preparados: eles souberam na véspera, primeiro dia do *Pessach*, que tropas alemãs estavam se concentrando para cercar o gueto (Halioua, 2024, p. 209, grifo nosso).

As seqüências discursivas 25 e 26 retomam o momento histórico do ataque dos nazistas e seus colaboradores que resultou no fim do gueto de Varsóvia. O momento histórico que os judeus

²⁵ União Militar Judaica.

no gueto estavam dizia respeito à Páscoa judaica – o *Pessach*. O que temos nessas duas SDs é a rememoração de um ato de resistência, a rememoração do Levante do Gueto de Varsóvia, durante uma data comemorativa, a data rememorativa, o momento de rememoração/comemoração da Páscoa judaica – a qual simboliza a libertação do povo judeu da escravidão no Egito por Moisés.

Com base em Courtine (2022, p. 101), realizamos a “*sequencialização dos elementos do saber*”. Assim, colocamos em suspenso o intradiscurso presente nas SDs. As sequências discursivas são o lugar onde se realiza a linearização do interdiscurso (o saber, os fatos sobre o Levante). O intradiscurso é a memória sendo colocada no fio do discurso e nessa memória temos o momento da resistência durante um período de rememoração/comemoração que é o *Pessach*. Mesmo no gueto *Pessach* ainda era *Pessach*, rememorar ainda se fazia digna de comemoração. A comemoração do *Pessach* produziria efeitos de resistência, a resistência à tentativa de apagamento histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – *Para um efeito de fechamento*

Nosso foco se deteve o Gueto de Varsóvia, criado em 1940, e foi o maior de todos os guetos, comportando mais de 400.000 judeus em uma pequena área de 3.3 quilômetros quadrados. A cidade de Varsóvia – que antes da guerra era o centro da cultura e vida judaica na Polônia, com uma população israelita de mais de 350.000, a maior na Europa – passou a ser cenário de segregação dos judeus e opressão nazista.

As várias práticas da ideologia nazista e de seus simpatizantes (pra ser eufemista) foram responsáveis por submeter o povo judeu a condições degradantes de subsistência, ao trabalho forçado e exaustivo, à fome, à superlotação nos guetos e às epidemias decorrentes das condições sanitárias precárias. O testemunho daqueles que viveram a degradação de perto passou para as gerações que seguiram o testemunho de resistência ao esquecimento e ao apagamento da história que seria contada, caso os opressores fossem vitoriosos.

As práticas das forças nazistas (e seus colaboradores) instauraram a necessidade de uma (re)organização da comunidade judaica de Varsóvia. O que fez com que uma nova formação ideológica fosse produzida. Nessa nova organização social, tivemos o embate ideológico entre os opressores nazistas e os oprimidos judeus. Um embate ideológico, a ideologia da resistência em oposição à ideologia da morte e do apagamento histórico.

As ideologias, entendidas a partir de Pêcheux (2014), como conjunto de práticas, se concretizam através da luta de classes: sendo aqui os judeus perseguidos de um lado; e de outro, os nazistas e seus apoiadores. Dessa forma, temos duas FD que se opõem: a opressora e a oprimida. A comunidade judaica contava com vários sujeitos, grupos e organizações cujas práticas produzem efeitos de resistência. Pensando nas FD opostas, mais especificamente na formação discursiva opressora, garantia seu poder e dominação sobre os sujeitos judeus através do auxílio da polícia judaica, que ajudava a manter as ordens dos alemães e dos conselhos judaicos no interior do gueto, funcionando como aparelhos (repressivos) de Estado, e auxiliando a manter a relação de opressão no gueto de Varsóvia.

O aparelho repressivo de Estado, de acordo com Althusser (2022, p. 81), possui como papel garantir pela força (física ou não) “as condições políticas da reprodução das relações de produção, que são em última instância, relações de exploração”. No gueto, a exploração e a violência por parte do aparelho repressivo se fez presente. Porém, de acordo com nossos objetivos apontados inicialmente, damos visibilidade à resistência dos judeus perante a

opressão nazista no Gueto de Varsóvia e damos continuidade aos estudos sobre o holocausto, pelo viés discursivo pecheuxiano.

Se, de acordo com Agamben (2008), a palavra “holocausto”, é a transcrição do termo latino *holocaustum*, “que, por sua vez, traduz o termo grego *holókaustos* [...] que significa literalmente ‘todo queimado’” (p. 37-38). Esse termo, produz efeito de sentido de passividade e de voluntariedade por parte das vítimas; já a o “termo shoá, que significa ‘devastação, catástrofe’, e, na Bíblia, implica muitas vezes a ideia de uma punição divina” (p. 40) é usada para substituir a palavra holocausto, então, para um efeito de fechamento, ressaltamos que o genocídio, a catástrofe – como evento histórico – não foi sinônimo de passividade, de voluntariedade para os campos da morte.

Como nos conta Kassow (2009, p. 17), os arquivos organizados e produzidos pelo *Oyneg Shabes* foram encontrados através de escavações que tiveram início no dia 18 de 1946, sob os escombros de um edifício entre as ruínas do Gueto de Varsóvia.

Como argumenta Bethania Mariani (2021, p. 108): “Falar e testemunhar são formas de movimentar os sentidos, formas de fazer resistência ao esquecimento”. Resistir para não deixar que se esqueça, ou melhor, resistir através das palavras ditas e inscritas em outro lugar para inscrever discursivamente o acontecimento em uma memória social e comum. “Resistência e *testemunho*, em relação ao *memoriável*, é falar outra vez, e outra vez mais, para não deixar cair no esquecimento, para produzir ressignificação no social”. Fazer com que a história e os acontecimentos sejam ressignificados, significa também se ressignificar.

Os judeus testemunharam e lutaram por suas vidas, resistiram à opressão e à ideologia nazista. O chamado para a resistência ao assassinato produzia efeitos também de resistência ao apagamento histórico e ao testemunho da vida no gueto, legitimando assim a luta pela memória judaica. Nós, como analistas de discurso, nos propomos desde o início de nosso estudo a interpretar e analisar os gestos de resistência no gueto de Varsóvia, interpretando e buscando compreender os efeitos de sentido dos gestos de resistência dos judeus do Gueto de Varsóvia. Buscamos, assim, analisar e rememorar o *memoriável*, buscando nos testemunhos a ressignificação da memória da *Shoá* como um acontecimento aos judeus, mas que pertence ao social, um acontecimento que *resistir* ao esquecimento, ao apagamento e ao negacionismo.

Referências:

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do gueto de Varsóvia. Barueri, SP: Manole, 2010.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EduFSCar, 2022.
- COURTINE, Jean-Jacques. O Chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. Porto Alegre: Editora Luzzato, 1999. p. 15-22.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Esparsas**: viagem aos papéis do Gueto de Varsóvia. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006, 224 p.
- GUETOS: Enciclopédia do Holocausto. **United States Holocaust Memorial Museum**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/ghettos>. Acesso em: 01 set. 2022.
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. **Discurso e arquivo**: experimentações em análise do discurso. Tradução: Carolina P. Fedatto, Paula Chiaretti. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.
- GUTMAN, Israel. **Resistência**: o Levante do Gueto de Varsóvia. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995, 240p.
- HALIOUA, Bruno. Os 948 dias do Gueto de Varsóvia. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2024.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso (p. 9 a 33). In: MITTMAN, Solange, GRIGOLETTO, Evandra e CAZARIN, Ercília. **Práticas Discursivas e Identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Editora Nova Prata, 2008.
- KASSOW, Samuel D. **Quem escreverá nossa história?** os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Resistir, resistir, resistir... primado prático discursivo!. In: FERRARI, Alexandre S. et al. **Discurso, resistência e...** Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2025, p.159-167.

LETRAS, Programa de Pós-graduação em. “busco palavras que não existem”. YouTube, 19. abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jF3uMNEzJbE>. Acesso em: 04. fev. 2025.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** – (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MARIANI, Bethania. **Testemunhos de Resistência e Revolta**: um estudo em Análise de Discurso. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

MILGRAM, Avraham; ROZETT, Robert. **O Holocausto**: as perguntas mais frequentes. Yad Vashem. Jerusalem, 2012, 63 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores. 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi e Graciely Costa, Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

PÊCHEUX, Michel. Foi ‘propaganda’ mesmo que você disse?. In: **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Campinas, SP: 4ª ed. Pontes Editores, 2015, p. 73-83.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p.57-67.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et al], 5. ed., Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2014.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivasna construção do “dispositivo experimental” da análise de discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise de discurso em perspectiva**: teoria, método e análise (organizadoras). Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013, p. 39-48.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni P. Orlandi et al. Campinas: Edunicamp, 2014. Anexo III, p. 293-307. Edição original: 197

PRUINELLI, Andréia Maria. Formação ideológica. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário dos termos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 121-124.

REISS, Carlos. **Luz Sobre o Caos**: Educação e Memória do Holocausto. Curitiba, 2018.

REES, Laurence. **O Holocausto**: uma nova história. Tradução: Luis Reyes Gil. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2018.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Trad. Cristiane Dias, Greciely Costa. Campinas/SP: Editorada UNICAMP, 2016.

SELIGMANN-SILVA (Org.). Apresentação da questão: a literatura do trauma. *In: História, Memória, Literatura*: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 45-58.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

VENTURINI, Maria Cleci; PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o trabalho teórico de Michel Pêcheux: 50 anos após a publicação da AAD-69. *In: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião (Orgs). De 1969 a 2019.: um percurso da/na Análise de Discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 11-26.

ZANDWAIS, Ana. **Possíveis leituras de “Foi Propaganda Mesmo Que Você Disse?” de Michel Pêcheux**. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 14, n. 22, p. 67-79, jul-dez. 2019.